

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

REYTH DA CUNHA RIBEIRO

A INFLUÊNCIA HELENÍSTICA NA VIDA, OBRA E TEOLOGIA DO APÓSTOLO
PAULO

São Leopoldo

2015

REYTH DA CUNHA RIBEIRO

A INFLUÊNCIA HELENÍSTICA NA VIDA, OBRA E TEOLOGIA DO APÓSTOLO
PAULO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia.

Orientador: Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R484i Ribeiro, Reyth da Cunha
A influência helenística na vida, obra e teologia do
Apóstolo Paulo / Reyth da Cunha Ribeiro ; orientador Verner
Hoefelmann. – São Leopoldo : EST/PPG, 2015.
63 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2015.

1. Paulo, Apóstolo, Santo. 2. Helenismo. 3. Imortalidade.
4. Ressureição. 5. Cullmann, Oscar, 1902-1999. I.
Hoefelmann, Verner. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

DEDICATÓRIA

A Deus, à minha querida
esposa e minha família.

AGRADECIMENTOS

Ao Eterno, por sua infinita misericórdia e graça, e por ter me proporcionado a concretização de um sonho que Ele mesmo plantou em meu coração. Isso tudo é só o início de seus desígnios.

A minha querida esposa, Luciana Ribeiro, por estar ao meu lado e compartilhar de momentos de sabedoria e muita paciência. A meus pais, Agostinho Ribeiro e Izaneth Cunha, por fazerem parte desse sonho. Aos meus queridos irmãos, Brenda, Lemmos e Leyenne, amigos de longas datas.

Ao meu orientador Verner Hoefelmann, pelos conselhos, discussões e contribuições. A Faculdade Boas Novas, por me impulsionar neste grande projeto.

Aos meus pastores, Levi e Zélia Santana, por entenderem meu duplo ofício, o Ministério e o Magistério e me incentivarem nesta grande obra.

RESUMO

Este trabalho se propõe a demonstrar a influência helenística na vida, obra e teologia do apóstolo Paulo, considerado por muitos como primeiro teólogo cristão e um dos fundadores do cristianismo. Pretende ainda discutir acerca da imortalidade da alma e a ressurreição dos corpos, na compreensão do apóstolo a partir do teólogo de caráter francês Oscar Cullmann. A pesquisa está dividida em três capítulos, que debatem as questões mencionadas. No primeiro capítulo, procuramos destacar alguns retratos biográficos do apóstolo, principalmente a partir do seu acervo epistolar, daquelas epístolas que comprovadamente foram escritas ou ditadas por ele, e do testemunho lucano em Atos dos Apóstolos, que consideramos fonte secundária. Desses retratos extraímos a assertiva de que Paulo era um homem que viveu entre dois mundos, o helenístico e o judaico, influenciado por duas grandes cidades, Tarso e Jerusalém. Procuramos nos concentrar naquelas informações que sustentam esta assertiva, mostrando as influências que lhe garantem uma educação cosmopolita. No segundo capítulo, abrimos uma discussão acerca das marcas que Tarso e Jerusalém imprimiram na formação do apóstolo. Procuraremos responder neste capítulo a seguinte pergunta: qual dessas cidades ajudou a esculpir a personalidade do apóstolo e a estabelecer as primeiras bases de sua teologia? Procuraremos ainda, no mesmo capítulo, expor algumas influências helenísticas sobre o apóstolo exemplificadas a partir do seu estilo literário e apresentaremos alguns pontos de sua teologia com forte influência grega. Por fim, no terceiro e último capítulo deste trabalho, procuraremos discutir, a partir de uma perspectiva paulina, a doutrina neotestamentária da vida após a morte a partir da perspectiva de Oscar Cullmann, sobretudo, a partir de duas grandes obras do autor, a saber, *La inmortalidad del alma o la resurrección de los cuerpos* e *Das origens do evangelho a formação da teologia cristã*.

Palavras-chave: Helenismo; Imortalidade da alma; Oscar Cullmann; Paulo; Ressurreição.

ABSTRACT

This paper proposes to demonstrate the Hellenistic influence in the life, work and theology of the apostle Paul, considered by many as the first Christian theologian and one of the founders of Christianity. Besides this it intends to discuss the immortality of the soul and the resurrection of the bodies in the understanding of the apostle based on the theologian of French character Oscar Cullmann. The research is divided into three chapters which debate the above mentioned issues. In the first chapter we seek to highlight some biographical portraits of the apostle mainly based on his epistolar collection, those epistles which were proven to be written or dictated by him, and on the Lukan witness in the Acts of the Apostles, which we consider a secondary source. From these portraits we extracted the assertion that Paul lived between two worlds, the Hellenistic and the Jewish, influenced by two great cities, Tarsus and Jerusalem. We sought to concentrate on that information which sustains this assertion showing the influences which guarantee him a cosmopolitan education. In the second chapter we open a discussion about the marks which Tarsus and Jerusalem imprinted on the apostle's formation. We will seek to answer in this chapter the following question: which of these cities helped to sculpt the personality of the apostle and to establish the first bases of his theology? Besides this we will also seek, in this same chapter, to expose some of the Hellenistic influences on the apostle exemplified by his literary style and we will present some points of his theology which have a strong Greek influence. Finally, in the third and last chapter of this paper we will seek to discuss, based on a Pauline perspective, the New Testament doctrine of life after death based on Oscar Cullmann's perspective, especially based on two great works of the author, that is: *La inmortalidad del alma o la resurrección de los cuerpos* and *Das origens do evangelho a formação da teologia cristã*.

Keywords: Hellenism; Immortality of the soul; Oscar Cullmann; Paul; Resurrection.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. PAULO, O APÓSTOLO HELENISTA: UMA BIOGRAFIA	13
1.1. Testemunhos sobre Paulo: as fontes	15
1.1.1. Fontes paulinas	16
1.1.2. Outras fontes canônicas	17
1.1.3. Fontes não canônicas	18
1.2. Paulo, o cosmopolita	20
1.2.1. Paulo, um judeu da diáspora	22
2. INFLUÊNCIA HELENÍSTICA PAULINA A PARTIR DOS TESTEMUNHOS BÍBLICOS	31
2.1. Influência das cidades, Tarso e Jerusalém: a primeira e mais importante formação do apóstolo Paulo	33
2.2. Influência na escrita e no estilo de suas epístolas	37
2.3. Influência em sua Teologia	40
2.4. Influência nas citações e encontros	42
3. A IMORTALIDADE DA ALMA E A RESSURREIÇÃO DO CORPO NA TEOLOGIA PAULINA	47
3.1. Oscar Cullmann: sua vida e Teologia, uma breve consideração	48
3.2. Imortalidade da alma ou ressurreição do corpo?	51
CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa é, em linhas gerais, demonstrar em que medida a filosofia helenística influenciou a vida, a obra e a teologia do apóstolo Paulo, tomando como referência as epístolas proto e deuteropaulinas e os demais testemunhos canônicos sobre o apóstolo.

Todos os estudiosos relacionados neste trabalho vão concordar acerca da influência da filosofia no epistolário do apóstolo, sejam elas positivas ou negativas. Nem todos estão dispostos a associar esta relação. Mas entendem, no mínimo, que elas estão relacionadas, revelando o ambiente educacional formal do primeiro século, ambiente que deixou impressões em sua cosmovisão e teologia, evidenciadas pelas marcas registradas em seu acervo epistolar.

Alguns, entendem que, como “rigoroso fariseu”, Paulo foi influenciado apenas pelo judaísmo farisaico do primeiro século. Deve-se lembrar que a intenção desta pesquisa não é de nos aprofundarmos em todas as influências que formaram a personalidade e a teologia paulina, mesmo que outras influências também sejam mencionadas, as influências na vida e teologia do apóstolo Paulo que nesta pesquisa serão aprofundadas serão aquelas que apresentam um direcionamento de cunho helenístico, já que se busca neste trabalho tal intensão.

Dividiremos esta pesquisa em três partes. A primeira faz uma abordagem histórica e biográfica do apóstolo a partir das suas raízes familiares e demais contextos a partir dos testemunhos canônicos, para avaliar até que ponto seu contato com a filosofia helenística do primeiro século o influenciou na composição de suas cartas e sua teologia.

O segundo capítulo se constrói sobre o capítulo anterior, perguntando, qual cultura mais influenciou o apóstolo Paulo, a saber, a cultura judaica ou a cultura helenística. Encerrando o capítulo discutimos qual dessas culturas é mais importante para a composição de sua personalidade e sua teologia.

Por fim, encerraremos esta pesquisa com a discussão de uma dúvida, comum no primeiro século, mas, que se estende até os dias de hoje. A compreensão paulina sobre a imortalidade da alma e a ressurreição dos corpos. Para tanto, trazemos à discussão duas obras importantes do teólogo francês Oscar Cullmann, que a partir de seus posicionamentos demonstra o quanto o cristianismo nos dias de hoje se afasta das interpretações deixadas pelo apóstolo Paulo no Novo Testamento, evidenciando uma distância daquilo que ele recebe como herança. De certa forma, este assunto representa uma concretização do tema geral do trabalho, sobre possíveis influências helenísticas na teologia paulina.

1. PAULO, O APÓSTOLO HELENISTA: UMA BIOGRAFIA.

Certamente teríamos dificuldade em escrever uma biografia fidedigna sobre Jesus. Mas isso se torna possível a respeito do seu discípulo de origem judaica mais conhecido, Paulo de Tarso¹. A história de sua vida possui grande significado para o cristianismo primitivo, pois marca a construção da teologia da igreja neotestamentária. Contudo, traços da sua história, contada por ele mesmo e demais autores canônicos, não chegam a construir uma completa biografia, por causa dos intervalos sobre sua vida, que nos conduzem ao campo da especulação. No entanto, mais do que de qualquer outro autor do Novo Testamento, podemos colher os 'retratos em forma de mosaico' e combinar os momentos históricos² da vida do apóstolo.

Para alguns autores, o apóstolo é considerado como o fundador do cristianismo³. Esta avaliação lhe é atribuída pelo grande impulso que deu à expansão da experiência cristã fora do contexto judaico. Há um certo exagero nesta afirmação, tendo em vista que não podemos atribuir ao apóstolo dos gentios a fundação de todas as comunidades helenísticas de sua época⁴. Algumas delas foram fundadas e estabelecidas de forma independente, antes mesmo de suas atividades missionárias⁵. Nem mesmo a comunidade bilíngue de Antioquia, formada por judeus e pagãos convertidos em que mantinha vínculos fora fundada por ele⁶.

¹ FABRIS, Rinaldo. *Paulo: apóstolo dos gentios*. São Paulo: Paulinas, 2001. p.03

² SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 29.

³ BORNKAMM, Günther. *Paulo, vida e obra*. São Paulo: Academia Cristã, 2008, p.146. Para Bornkamm o apóstolo Paulo é o grande fundador do cristianismo o que destoa com a opinião de outros autores. James D. G. Dunn em seu livro *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 26, por exemplo, concorda que o apóstolo se destaca como o segundo fundador do cristianismo, mas que sem dúvidas, em relação ao primeiro, exerce influência mais profunda e significativa, mesmo considerando exagerada a sua opinião, mas quando o faz, explica suas razões, pois, a influência de seus escritos moldaram o cristianismo de sua época mais do que qualquer outro indivíduo. Portanto, podemos concordar que o apóstolo Paulo se destaca, sim, como um dos fundadores do cristianismo.

⁴ DUNN, James D. G. *A nova perspectiva sobre Paulo*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 10.

⁵ KÜMMEL, Werner Georg. *Síntese Teológica do Novo Testamento: de acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo, João*. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 178-179. Cita as comunidades que não foram fundadas por Paulo, como por exemplo, a igreja em Alexandria no Egito, Antioquia na Síria e as igrejas em Roma, em contraste temos aquelas das quais foi ele o primeiro a fundar, como as comunidades na Ásia Menor, Macedônia e Grécia.

⁶ COTHENET, Edouard. *San Pablo em su tiempo*. 4 ed., Navarra: Editorial Verbo Divino, 1985, p. 44. O autor menciona a comunidade de Antioquia da Síria, como a base de suas grandes viagens apostólicas, para não confundir com Antioquia da Pisídia, cidade visitada em sua primeira viagem missionária, (At 13. 16-41).

Contudo, as contribuições do apóstolo foram indispensáveis para a reflexão cristã acerca de Jesus em outros contextos⁷ e por esta razão se diz que o Cristianismo deve suas distinções à pessoa de Cristo enquanto que a Paulo, a sua teologia⁸, tendo o privilégio de ser a única personagem da primeira geração de cristãos com direitos de estar na galeria dos fundadores de movimentos religiosos⁹.

Em se tratando de uma realidade biográfica autêntica, Paulo de Tarso, pode ser considerado, entre todos os atores neotestamentários “o único personagem do cristianismo primitivo do qual, a partir de seu próprio testemunho direto, podemos tomar conhecimento histórico e teológico mais detalhado”¹⁰.

Nisto, Schnelle reforça a intenção de nos debruçarmos em questões específicas da historiografia paulina, pois, a abertura de conexões e contextos da teologia do cristianismo primitivo segue o caminho biográfico do apóstolo, diante disso, esquecer a sua história ao abordar sua teologia deixa em aberto a particular maneira de ler e interpretar Paulo, portanto, devemos considerar que em Paulo, biografia e teologia se encontram para uma estreita relação¹¹.

Contudo, traçar uma biografia completa e detalhada sobre a vida de Paulo, o apóstolo, seria plausível, mas, não se constitui como um dos objetivos deste trabalho, haja vista que muitos outros já se dedicaram neste empreendimento, desde os primeiros relatos feitos por Lucas até os novos e exaustivos tratados biográficos nos dias de hoje.

No entanto, considerando que alguns aspectos de sua vida são importantes para o aprofundamento do estudo acerca da herança helenística que contribui para a formação de sua teologia, faz-se necessário certa atenção para estes detalhes que marcam o propósito primevo desta pesquisa, e por isso serão aqui abordados.

⁷ DUNN, 2011, p. 10.

⁸ CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 11 ed. São Paulo: Hagnos, 2013, Vol. 5, P-R, p. 119.

⁹ FABRIS, 2001, p.03.

¹⁰ BECKER, Jürgen. *Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia*. São Paulo: Academia Cristã, 2007, p. 19.

¹¹ SCHNELLE, 2010, p. 27.

1.1. Testemunhos sobre Paulo: As fontes

As reflexões que podemos fazer acerca da vida do apóstolo Paulo, no tocante a sua teologia e sua contribuição para construção de uma teologia que é apropriada pelas igrejas fundadas por ele, devem estar baseadas principalmente naquilo que os documentos neotestamentários deixam a nossa disposição. Pois, segundo Fabris “para conhecer historicamente qualquer acontecimento e personagem do passado não existe outro caminho senão aquele que passa pelos documentos ou pelas fontes”¹².

Portanto, mesmo diante da distância que há entre o nosso tempo e o momento histórico do apóstolo Paulo, num abismo que supõe muitos séculos¹³, e do reconhecimento da perda de algumas cartas escritas por ele (1 Co 5. 9), afortunadamente, foram preservadas consideráveis fontes de informações acerca dele, sendo que algumas dessas fontes confiáveis de que dispomos são fontes canônicas, e a maioria delas estão em seu próprio acervo epistolar¹⁴, primeiramente em sua fonte oficial¹⁵, a saber, as sete epístolas conhecidas como autênticas¹⁶, além das chamadas deuteropaulinas¹⁷ e ainda em outros escritos neotestamentários,¹⁸ “testemunhos substancialmente convergentes”¹⁹, no entanto, podemos mencionar

¹² FABRIS, Rinaldo. *Para ler Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 07.

¹³ HEYER, C. J. den. *Paulo, um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 03.

¹⁴ KÜMMEL, 2003, p.181 e SCHNELLE, 2010, p. 27. Tais autores defendem um número de treze cartas tradicionalmente atribuídas ao Apóstolo Paulo.

¹⁵ Por fonte “oficial” tomamos a compreensão das epístolas unanimemente *autênticas*. Contudo, da extensão variada daquelas que se prefiguram como epístolas paulinas podemos mencionar um número de treze cartas vinculadas ao seu nome de acordo com KÜMMEL, 2003, p. 181, SCHNELLE, 2010, p. 27 e DUNN, 2011, p. 10, outros, como FABRIS, 1996, p.07 e BECKER, 2007, p. 22, no entanto, mencionam quatorze cartas no total, ao adicionarmos em nossa conta a carta aos Hebreus, todavia, o que importa aqui não é fazer uma apologia acerca do número de suas epístolas autênticas e daquelas atribuídas a ele e sim destacar a distinção entre dois grupos.

¹⁶ As epístolas paulinas deste primeiro grupo são conhecidas como *autênticas* ou *protopaulinas*, e em ordem cronológica, são: a primeira epístola aos Tessalonicenses, a primeira epístola aos Coríntios, a epístola aos Filipenses, a epístola a Filemon, a segunda epístola aos Coríntios, a epístola aos Gálatas e a carta endereçada aos Romanos.

¹⁷ As epístolas que estão neste segundo grupo, chamadas de *deuteropaulinas*, são: as duas epístolas enviadas do cárcere, respectivamente, a epístola aos Colossenses e a epístola aos Efésios; a segunda epístola aos Tessalonicenses, as epístolas pastorais, duas dirigidas a Timóteo e uma a Tito, incluindo a carta aos Hebreus, estas epístolas que fazem parte deste último grupo foram atribuídas a Paulo pela tradição.

¹⁸ BARBAGLIO, Giuseppe. *São Paulo, o homem do evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 343. Aqui, o autor faz menção aos textos neotestamentários que trazem luz acerca da vida, teologia e papel histórico do Apóstolo Paulo, contidas em suas epístolas, em Atos dos Apóstolos e na Primeira Epístola de Pedro.

¹⁹ BARBAGLIO, 1993, p. 40.

outras fontes de informações concernente a vida de Paulo, contudo, nenhum pouco confiáveis. Esses documentos, todavia estão tão distantes do tempo do apóstolo quanto da sua teologia.

Portanto, podemos vislumbrar uma “biografia” paulina e acentuar as influências que marcaram a sua vida e caracterizaram a sua distinta teologia. No entanto, na busca dessas influências considerando que entre as epístolas paulinas contamos com a pseudo-epigrafia²⁰, daremos relevância a ordem que se segue, a saber, as fontes primárias (protopaulinas), fontes secundárias²¹ (deuteropaulinas) e demais fontes canônicas, além das fontes não canônicas, mesmo que estas últimas não sejam analisadas.

1.1.1. Fontes paulinas

As investigações históricas e teológicas sobre a vida de Paulo, como já dissemos, começam por suas epístolas, pois, elas oferecem para o período entre 50-61 d. C., ricas informações acerca do pensamento do apóstolo²². Separadas distintamente nos dois grupos supracitados, as do primeiro grupo se constituem como testemunhas de primeira grandeza, onde o apóstolo esboça uma autobiografia que evidencia os “traços essenciais da sua personalidade e ação histórica”²³, tais documentos conservam sua teologia e uma defesa do seu apostolado.

Assim, convergimos as informações que extraímos das epístolas que formam o primeiro grupo para as informações deixadas pelos do segundo grupo da literatura epistolar pós-paulina²⁴, mas que são atribuídas ao apóstolo Paulo, daquelas que foram influenciadas pelo paulinismo²⁵. Entretanto, esta tarefa não pode ser encarada

²⁰ BECKER, 2007, p. 24.

²¹ De acordo com BECKER, 2007, p. 24, as epístolas aos Efésios, Colossenses; 2 Tessalonicenses; 1 e 2 Timóteo; Tito e Hebreus estão teologicamente tão distantes das demais epístolas, que sua pseudonímia é muito segura e enfatiza que supor a sua autenticidade conduz a problemas maiores do que a própria exclusão de tais testemunhos como sendo testemunhos imediatos paulinos.

²² SCHNELLE, 2010, p. 27.

²³ FABRIS, 2001, p.04.

²⁴ BECKER, 2007, p. 24.

²⁵ FABRIS, 1996, p. 143, indica que o pensamento e personalidade do apóstolo Paulo marcam a história do pensamento cristão primitivo, e por tal marca e influencia, surgem as escolas que reproduzirão as características da teologia paulina. Portanto, essas comunidades formam coletâneas onde com o nome de Paulo continuam a ser escritas outras cartas que possuem basicamente duas intenções, primeira,

como algo tão simples, precisamos estar conscientes da convergência de informações e dos problemas que envolvem o depoimento de cada um dos grupos.

Schnelle também identifica este problema quando afirma que as bases diferenciadas das fontes canônicas que dispomos como base de esclarecimento sobre seu pensamento dificultam a tentativa de relacionar adequadamente sua biografia e também a sua teologia explicando que até mesmo em suas cartas existem 'espaços vazios' e difíceis de determinar²⁶, pois representavam para Paulo apenas um meio de comunicação capaz de solucionar problemas e conflitos de forma urgente dentro das comunidades, na maioria, aquelas fundadas pelo Apóstolo.

As cartas, sendo parte de um abrangente processo comunicativo entre o apóstolo, seus colaboradores e as distintas comunidades, não eram destinadas a literatura universal, mas à solução de problemas urgentes nas comunidades. Não sabemos o que Paulo fez e ensinou nas comunidades, além da redação das cartas. Nos conflitos com comunidades e adversários conhecemos, por via de regra, somente a posição de Paulo; posições diferentes são desconhecidas ou podem ser captadas apenas hipoteticamente. Por um lado, as cartas paulinas fornecem um material inesgotável para uma reflexão sobre o apóstolo que começou há quase dois mil anos e que está ainda longe de chegar a seu fim. Por outro lado, elas também são apenas retratos 'instantâneos' de algum momento concreto histórico e teológico.²⁷

Portanto, para Schnelle fica fácil de entender tais razões, visto que, as intenções do apóstolo não eram biográficas e nem mesmo teológicas, mesmo que possamos extrair biografia e teologia de seu aparato epistolar.

1.1.2. Outras fontes canônicas

Em segundo plano, e com certos cuidados, consideramos o testemunho lucano de Atos dos Apóstolos²⁸, em particular o retrato que Lucas faz daquele que influenciou o cristianismo de sua época. Esse segundo testemunho escriturístico,

manter viva a sua memória, e segundo, atualizar seus pensamentos. Esta nova tendência é chamada de paulinismo.

²⁶ SCHNELLE, 2010, p. 28.

²⁷ SCHNELLE, 2010, p. 28-29.

²⁸ FABRIS, 1996, p. 07.

contempla, a história das origens primitivas do cristianismo e sua expansão, sendo Paulo, um dos grandes protagonistas.

A razão de estudarmos nesta sequência é determinada por Fabris, pois, a redação da segunda obra de Lucas, especificamente a segunda parte²⁹ (At 9. 1-30; 13-28)³⁰, reconstitui a conversão e as ações missionárias de Paulo, cenário que é montado cerca de trinta anos após a produção das primeiras epístolas paulinas³¹. Por isso, Heyer afirma que as descrições de Atos devem complementar as informações das epístolas, e adverte que elas podem em alguns momentos se contradizer em pontos essenciais³².

Becker também contribui quando afirma que ao lado das cartas de Paulo, o texto de Atos dos Apóstolos se coloca em segundo plano como testemunha para a descrição da vida e da teologia do apóstolo³³.

Fabris ainda advoga, que em alguns momentos, o autor do livro de Atos, faz uso de informações tradicionais e comuns na época sobre a vida do apóstolo Paulo e sobre a sua atividade missionária, deixando em evidência algumas contradições encontradas entre o seu testemunho e os registros apresentados pelo Apóstolo em suas epístolas autênticas, levando a crer que Lucas não levou em consideração o epistolário paulino quando na produção de Atos dos Apóstolos ou não conhecia as cartas paulinas até o momento da produção de seu segundo livro³⁴.

1.1.3. Fontes não canônicas

Das epístolas redigidas pelo próprio apóstolo Paulo e das tradicionalmente atribuídas a ele podemos extrair o que há de melhor em sua teologia e os ambientes que o influenciaram, bem como, também, nos Atos dos Apóstolos e demais

²⁹ De acordo com FABRIS, 1996, p. 09. Cerca de três quartos do livro.

³⁰ O testemunho lucano sobre a vida do apóstolo Paulo é reconstituída a partir do capítulo 7. 58-60; 8. 1, revelando um aparecimento repentino e seu envolvimento na morte do primeiro mártir da igreja primitiva, Estevão. Apresenta ainda, a partir do capítulo 9, um breve relato de sua conversão, e a partir, do capítulo 13 estendendo-se até o 28, a atenção volta-se quase que exclusivamente ao Apóstolo e suas ações missionárias.

³¹ FABRIS, 1996, p. 09.

³² HEYER, 2009, p. 04.

³³ BECKER, 2007, p. 27.

³⁴ FABRIS, 1996, p. 09.

testemunhos canônicos, que juntos nos ajudam a interpretá-lo, portanto, tais testemunhos se impõem como matéria-prima nesta pesquisa.

No entanto, existem ainda outros olhares, provenientes de outras fontes, neste caso, os apócrifos do Novo Testamento, que nos chamam a atenção, principalmente, sobre a vida e atividade paulina, que ao lado dos testemunhos bíblicos aqui mencionados, para alguns, podem ajudar, entretanto, de maneira limitada, a compor a personalidade do apóstolo Paulo bem como a sua teologia, todavia, nesta pesquisa, são apenas mencionadas a título de consciência, e, portanto, não serão analisadas.

Citamos como exemplo a primeira carta de Clemente e ainda a carta de Inácio de Antioquia, que mesmo superficialmente fazem alusões ao apóstolo. De acordo com Becker, outros pais da igreja, como no caso de Tertuliano, Hipólito e Orígenes a partir de 150 d.C., atestam sobre os escritos acerca dos Atos de Paulo³⁵, este testemunho não canônico recebe o nome de *Atos de Paulo e Tecla*, e está entre meados do século II³⁶.

Temos ainda o *Apocalipse de Paulo*, do século III-IV e o *Martírio de Paulo*, do século IV-V, e ainda a correspondência entre o apóstolo Paulo e o filósofo Sêneca, das quais, oito cartas são do filósofo, endereçadas ao apóstolo, enquanto que há outras seis cartas com as respostas de Paulo ao filósofo, compreendendo catorze cartas no total.

Entretanto, essas correspondências de acordo com Becker deixam seus vestígios apenas no final do 4º século, sendo citada pela primeira vez por Jerônimo apenas em 392 d. C. Becker ainda assevera que tais escritos relacionados ao nome

³⁵ BECKER, 2007, p. 27.

³⁶ De acordo com FABRIS, 1996, p. 144. Escritos que narram as atividades missionárias de Paulo após a sua conversão e seu encontro com Tecla, a principal protagonista da história. Considerada a primeira obra de romance cristão, este texto trata-se de uma história de aventura, onde Tecla, uma jovem de família rica que prestes a se casar, abandona o noivo fascinada pela pregação de Paulo. Ao seguir o apóstolo, esta jovem supera todas as tentativas empreendidas pelo noivo para um retorno a ele, bem como, todos os perigos de morte que sofreu. Ao final, depois, de autobatizar-se, reencontra Paulo de quem recebe a outorga para anunciar o evangelho. O que torna interessante este enredo histórico são as concepções teológicas firmadas no documento, pois, a imagem de Paulo, transmitida neste documento apócrifo é a renúncia do casamento e o afastamento das propostas mundanas como condição para a salvação.

do apóstolo Paulo estão tão distantes da sua teologia e do conhecimento da época que deveriam facilmente ser considerados insignificantes para a interpretação paulina, assim como o restante de toda e qualquer literatura apócrifa que a ele é atribuída, destacando que nenhuma dessas literaturas apócrifas se impõe como concorrente ao testemunho de Atos dos Apóstolos, que se constitui, sem sombra de dúvidas, em segundo lugar na interpretação paulina e na descrição da vida do apóstolo³⁷.

Todavia, se alguém se interessa nos conteúdos observados nestes polêmicos textos para a partir deles avaliar a vida e teologia do apóstolo Paulo, deve atentar para uma simples recomendação, a de avaliar tais literaturas com o espelho dos textos canônicos³⁸.

1.2. Paulo, o cosmopolita

Os ambientes vividos pelo apóstolo Paulo são conhecidos e podem ser facilmente expostos e bem definidos dentro do próprio panorama que o Novo Testamento desenvolve a partir da sua literatura epistolar e das informações apresentadas nos demais testemunhos canônicos, é neste quadro pincelado pelo próprio apóstolo e demais testemunhas canônicas que emerge o vasto universo em que o apóstolo estava inserido.

Portanto, podemos afirmar que o apóstolo Paulo é um homem de três realidades³⁹, estudá-lo é como descobrir diferentes caminhos para se escalar uma montanha⁴⁰, portanto, é fácil dizer que o curso de sua vida percorre linhas paralelas entre a cultura judaica, a filosofia grega e a sua cidadania romana, em outras palavras, um verdadeiro cosmopolita. Consideremos, pois, o posicionamento de Mazzarolo frente a esta realidade perceptível em Paulo.

³⁷ BECKER, 2007, p. 27.

³⁸ ROBINSON, James M. (ed.). *The Nag Hammadi library: the definitive translation of the gnostic scriptures complete in one volume*. New York: Harper Collins Publishers, 1990, p. 256. Este livro é uma obra que traduz para o inglês uma biblioteca de textos gnósticos achados próximos da cidade de Nag Hammadi no Egito, onde neles contêm diversos documentos, entre eles, alguns dos textos supracitados que fazem menção ao Apóstolo Paulo.

³⁹ MAZZAROLO, Isidoro. *O Apóstolo Paulo: o Grego, o Judeu e o Cristão*. Rio de Janeiro, Mazzarolo Editor, 2011, p. 122.

⁴⁰ WRIGHT, Nicholas Thomas. *Paulo, novas perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 19.

O cosmopolitismo era entendido como o acesso à cidadania pelas pessoas cultas, aquelas iniciadas nas letras e nas ciências. Por isso, os gregos não separavam nacionais e estrangeiros, mas ignorantes e letrados. Mesmo sendo estrangeiro, todo aquele (a) que fosse possuidor (a) de cultura intelectual, conhecimentos e erudição, era considerado cidadão (cosmopolita = cidadão do mundo, sem distinção de fronteiras geográficas).⁴¹

Portanto, admitimos que o apóstolo Paulo era um verdadeiro cosmopolita, o que infere inclusive naquilo que se define a partir da compreensão do termo que vai além de uma simples interpretação dos privilégios de cidadania (ver At 22. 25-28), e liberdade entre espaços geográficos que ele já possuía, mas que refletia a amplitude intelectual e helenizada do apóstolo das nações.

Outra característica que responde a realidade cosmopolita paulina está vinculada ao seu nome. Para Bruce, o apóstolo Paulo, como cidadão romano, poderia possuir até três nomes, o prenome (*praenomen*), nome de família (*nomen gentile*) e nome adicional (*cognomen*). Contudo, não temos indícios do seu *nomen gentile*, mas apenas do seu *praenomen* e do seu *cognomen*⁴².

Esta realidade, no entanto, poderia conduzir muitos, na compreensão comum, a serem induzidos a pensar em substituição de nomes, pois, no livro de Atos 13. 9a, aparece na referência o nome Saulo seguido de Paulo, mas na verdade não é assim, na realidade, o que justifica a suposta alteração não é uma mudança de nome, pois, os judeus da diáspora possuíam muitas vezes dois nomes, um judaico e outro grego, assim como foi com Saulo/Paulo⁴³.

Fabris nos ajuda entender melhor essa característica, quando afirma que “o nome grego romanizado *Páulos* faz assonância com *Sáulos*. Este último nome na língua grega tem um significado ambíguo”⁴⁴. O autor nos informa ainda que nos escritos paulinos destinados às comunidades cristãs espalhadas nas grandes cidades

⁴¹ MAZZAROLO, 2011, p. 44.

⁴² BRUCE, F. F. *Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia*. São Paulo: Shedd Publicações, 2003, p. 34. O autor diz que se soubéssemos seu *nomen gentile*, poderíamos ter algum indício das circunstâncias em que sua família adquiriu a cidadania romana, já que novos cidadãos costumavam adotar o nome da família do seu patrono, todavia, sabemos apenas que seu *cognomen* era Paulos e o seu *praenomen*, Saulos.

⁴³ BARBAGLIO, 1993, p. 41.

⁴⁴ FABRIS, 1996, p. 22

do império romano, ele se apresenta com o nome de *Páulos*, nome que é encontrado 158 vezes no Novo Testamento, onde 128 dessas aparições concentram-se no livro de Atos, especificamente, na segunda parte do livro. Seu nome hebraico *Sha'ul*⁴⁵, aparece apenas 15 vezes, na primeira parte do livro.

Esta dupla forma de nomear a Paulo determina claramente os ambientes em que o mesmo estava inserido, ou seja, um nome para o ambiente de língua hebraica-aramaica e outro para o ambiente de cultura grega⁴⁶, nome também usado em outras cidades e províncias do império romano.

Outra característica do cosmopolitismo de Paulo, se refere aos idiomas que falava. Num contexto histórico complexo, que revelava suas origens gregas e raízes judaicas (Fl 3. 5, 6), seus estudos na escola de Hillel⁴⁷ que o tornaram um destacado fariseu (At 22. 3) e sua condição como cidadão romano (At 16. 37-39), não é de se admirar que Paulo falasse vários idiomas. Pois, familiarizou-se com o grego (At 21. 37), como cidadão romano seria virtualmente provável, porém, não confiável, que falasse o latim, bem como falava seu idioma, o hebraico ou o aramaico (At 21. 40; 22. 2)⁴⁸, domínio linguístico que facilitou na comunicação e no empreendimento de suas viagens.

1.2.1 Paulo, um judeu da diáspora

O apóstolo Paulo, nasceu, provavelmente, nos primeiros anos do primeiro século, entre 5 a 10 d.C., portanto, era um contemporâneo de Jesus, um pouco mais jovem que ele. Essa data é sugerida pelo relato de Atos, segundo qual, por volta do

⁴⁵ Transliteração do Hebraico שְׂאוּל.

⁴⁶ FABRIS, 1996, p. 22.

⁴⁷ A escola de Hillel era uma escola rabínica do tempo do apóstolo Paulo, conhecida pela interpretação mais liberal da Lei e pelas sete regras de interpretação de exposição da Lei Mosaica. A escola recebe esse nome em homenagem a seu fundador, Hillel, um influente e respeitado rabino, que tendo nascido na Babilônia e migrado para Palestina funda uma escola rabínica, concorrente da escola rabínica de Shammai.

⁴⁸ HEYER, 2009, p. 13.

ano 30 d. C, o jovem (*neanías*⁴⁹) Paulo consentia na morte, por apedrejamento, de Estevão (At 8. 58).

De acordo com Fitzmyer citando os escritores gregos e helenistas (Diógenes Laércio e Fílon), esta idade “está entre os vinte e quatro e os quarenta anos⁵⁰” (Tradução nossa). Na sua descrição na carta à Filemon 9, escrita por volta do ano 50 d.C., Paulo chama a si mesmo de ancião (*presbyteres*⁵¹). Segundo Fabris, citando o médico Hipócrates, o apóstolo poderia estar entre cinquenta e sessenta anos⁵².

Levando em consideração o apóstolo Paulo como judeu filho da diáspora, vamos nos concentrar nas realidades que construíram a sua personalidade, que envolvem basicamente duas realidades, sua educação judaica e a formação grega.

Essas duas realidades das quais o apóstolo se relaciona, citadas anteriormente, também são causa de discussão, e uma dúvida emerge desta simples realidade, a de determinar as origens do apóstolo Paulo, que são bem conhecidas para uns, por outro lado, para outros, um pouco indefinida, mesmo diante da menção que é feita no texto bíblico (ver At 21. 39; 22. 3), existem outras informações acerca do seu nascimento, informações que o envolvem, com outra cidade.

Neste contexto, Barbaglio discute o parecer lucano, quando este afirma ter Paulo nascido em Tarso na Cilícia, contudo, outras opiniões surgiram para contrapor a realidade bíblica neotestamentária, seguindo um novo ponto de vista, entre os mais antigos, podemos mencionar Jerônimo⁵³.

⁴⁹ GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento: grego-português*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 139. νεανίας, *jovem*.

⁵⁰ FITZMYER, Joseph A. *Teología de San Pablo: síntesis y perspectivas*. 2 ed. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2008, p. 19. “tendría entre los veinticuatro y los cuarenta años”.

⁵¹ GINGRICH, 2007, p. 174. πρεσβύτερος, *velho*.

⁵² FABRIS, 2001, p. 18.

⁵³ CHAMPLIN, 2013, p. 462. Jerônimo (347-420 d. C.) foi um dos maiores eruditos cristãos antigos, nasceu em Dalmácia e educou-se em Roma, onde foi batizado. Viajou para Belém da Judeia onde fundou um mosteiro fixando-se ali, passando os últimos trinta e quatro anos de sua vida. É considerado o fundador do monasticismo, mas sua obra mais importante foi a tradução, a partir dos originais, da Bíblia completa em latim, que veio a chamar-se, posteriormente, de Vulgata Latina.

Jerônimo, influenciado por Orígenes⁵⁴, é um dos primeiros a contrapor o testemunho neotestamentário no seu livro intitulado *De viris illustribus*, ele identifica a cidade de Giscala, na Judeia, como sendo a cidade em que o apóstolo teria nascido. Jerônimo escreve em tais palavras: “Ele foi removido com seus pais pelos romanos da cidade de Giscala da Judeia e da tribo de Benjamim para Tarso da Cilícia”⁵⁵. (Tradução nossa).

Jerônimo também menciona esta informação e de forma mais detalhada, no seu comentário à Epístola a Filemon, onde ele escreve:

Quando toda a terra da Judeia fora devastada pelas mãos dos romanos, espalhando os judeus pelo mundo, os pais do apóstolo Paulo foram levados de Giscala de onde viviam para a província de Tarso, quando Paulo era ainda muito jovem foram eles transportados para lá⁵⁶. (Tradução nossa).

De acordo com Furtado, os comentários da epístola à Filemon escritos por Jerônimo, revelam a cidade de Gíscala como sendo a cidade natal do apóstolo das nações. Jerônimo, consultando os comentários de Orígenes, escritos mais de um século antes, insere uma estranha notícia que decidiu incluir na sua própria obra tempos depois mesmo sabendo que esta cidade não aparece uma só vez nos textos neotestamentários⁵⁷.

Contudo, as tradições acerca destes dois documentos tradicionais escritos por Jerônimo que põem em discussão a cidade do apóstolo Paulo não possuem validade histórica⁵⁸.

⁵⁴ CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 11 ed. São Paulo: Hagnos, 2013, Vol. 4, M-O, p. 626. Orígenes (185-254 d.C.), foi o mais poderoso escritor e mestre cristão do seu tempo que vai do fim da época apostólica até Agostinho. Escritor prolífico e um erudito a toda prova.

⁵⁵ JERÔNIMO apud BARBAGLIO, 1993, p. 58. “*de tribu Beniamim et oppido Judaeae Giscalis fuit, quo a Romanis capto, cum parentibus suis Tarsum Ciliciae commigravit*”.

⁵⁶ JERÔNIMO apud BARBAGLIO, 1993, p. 58. “*Aiunt parentes apostoli Pauli de Giscalis regione fuisse Judaeae, et eos cum tota provincia Romanorum vastaretur manu, et dispergerentur in orbem Judaei, in Tarsum urbem Ciliciae fuisse translatos parentum conditionem adolescentulum Paulum secutum*”.

⁵⁷ FURTADO, Rodrigo. *Paulo de Tarso: em torno da origem*. In: RAMOS, José Augusto; PIMENTEL, Maria Cristina de Sousa; FIALHO, Maria do Céu; RODRIGUES, Nuno Simões (coord's). *Paulo de Tarso, Grego e Romano, Judeu e Cristão*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. 2012, p. 13

⁵⁸ BARBAGLIO, 1993, p. 59.

Dentro desse contexto e semelhante a Jesus de Nazaré, está Paulo de Tarso, que semelhante a Jesus Cristo recebe o nome da cidade em que viveu sua infância e juventude e não por ser a sua cidade natal⁵⁹. Contudo, não se pode extrair nada de significativa dessa notícia, pois, Paulo, não recebe nada de importante concernente a esta nova informação acerca de sua origem⁶⁰

Furtado, indica que, mais tarde, em 867 d. C., a partir de Orígenes, Fócio⁶¹ reconhece as informações antigas acerca do apóstolo, contudo, sem desprezar o testemunho bíblico, pois, confirma que Paulo fora concebido ainda na cidade de Gíscala, mas que nascera já em Tarso, tentando conciliar as informações⁶².

De fato, se lançarmos o nosso olhar para as epístolas paulinas, veremos que elas nada contribuem para elucidar o problema da cidade natal do apóstolo Paulo, que a partir do seu testemunho pessoal nos garante outras informações que confirmam outros detalhes de sua via, entre as quais podemos citar que: ele nascera judeu e que fora circuncidado ao oitavo dia, que pertencia a tribo de Benjamim, que falava o aramaico e que era fariseu (Rm 11. 1, 2 Co 11. 22 e Fl 3. 5-6).

No entanto, nenhuma das epístolas de seu acervo nos assegura uma simples passagem do apóstolo às cidades de Gíscala ou Tarso, tampouco uma mera menção a elas, em outras palavras, tanto uma cidade quanto a outra poderiam ser fortes candidatas a expressiva cidade em que Paulo, o apóstolo aos gentios teria supostamente nascido.

Contudo, temos o testemunho canônico de Atos dos Apóstolos, onde Lucas nos esclarece que Paulo, foi um judeu da diáspora,⁶³ nascido em Tarso, na província

⁵⁹ FURTADO, 2012, p. 13

⁶⁰ FURTADO, 2012, p. 14

⁶¹ CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 11 ed. São Paulo: Hagnos, 2013, Vol. 2, D-G, p. 799. Segundo o autor, Fócio foi patriarca de Constantinopla em 858-867 d. C. e, novamente, em 877-886 d. C. Foi o sucessor do deposto Inácio. Era o homem mais erudito de seu tempo. Foi um leigo que foi nomeado, e então consagrado patriarca de forma não canônica.

⁶² FURTADO, 2012, p. 14

⁶³ CHAMPLIN, 2013, p. 141. De acordo com o autor esse termo é usado pelos historiadores para referir-se às colônias judaicas (forçadas ou não), que se estabeleceram em outras partes do mundo, fora da Palestina. Essa palavra grega significa, 'dispersão'.

romana da Cilícia⁶⁴, (At. 21: 39; 22: 3), no entanto, se essa informação dependesse do seu próprio depoimento não saberíamos nada acerca de sua cidade natal, pelo que parece, o apóstolo, em seu acervo epistolar não dava muita importância a sua condição de cidadão romano⁶⁵.

Porém, isso não abre margem para duvidarmos da veracidade das informações do testemunho canônico de Atos, por isso, Barbaglio conclui dizendo que “a notícia dos Atos porém não se pode incluir no elenco dos elementos meramente decorativos⁶⁶”. Ou seja, Barbaglio garante que o autor de Atos apresenta uma informação verídica acerca da história de vida do apóstolo não tendo interesse de distorcer a autenticidade dos fatos.

De fato, não fora o testemunho de Atos dos Apóstolos, muitos autores facilmente reclamariam qualquer parte da Palestina como o lugar do nascimento do apóstolo⁶⁷. Entrementes, Lucas com naturalidade expõe que Paulo de Tarso recebe o nome da cidade em que nascera, (At 9. 11, 30; 11. 25), a cidade mais helenizada de seu tempo.

Becker encerra a qualquer dúvida ao atestar algumas informações, quando adiciona na discussão, alguns indícios que garantem a Tarso o seu lugar. Pois, considera que a língua grega de Paulo está longe de semitismos, portanto, dificilmente aprendida mais tarde e o mesmo apresenta um estilo fluente de grego que pressupõe que desde a infância teria usado o grego como língua franca⁶⁸.

Portanto, reconhecendo a cidade de Tarso como cidade do nascimento do apóstolo Paulo, podemos agora mencionar algumas particularidades desta influente metrópole, a cidade de Tarso.

⁶⁴ BRUCE, 2003, p. 24-25. O autor nos informa que havia naquela época mais judeus vivendo fora da Judeia do que dentro das suas fronteiras, estimando um número entre 40.000 a 60.000 judeus em Roma e suas províncias.

⁶⁵ FABRIS, 1996, p. 24.

⁶⁶ BARBAGLIO, 1993, p. 41.

⁶⁷ FURTADO, 2012, p. 16.

⁶⁸ BECKER, 2007, p. 59.

Tarso, há muito, portanto, já reclamava para si status de uma grande cidade, conforme assevera Ball quando exalta o entusiasmo da cidade pela cultura, fama que ofuscava qualquer outra cidade da época, suas escolas filosóficas eram a razão do grande fluxo de filósofos e eruditos que eram atraídos pela grandeza intelectual da cidade, nessas escolas, bem antes dos dias do apóstolo, filósofos ensinavam retórica, matemática, ética, gramática e música⁶⁹.

Tarso possuía inúmeros prédios públicos além de palácios e casas humildes. Havia ali um enorme teatro ao ar livre, construído para acomodar milhares de pessoas, um grande espaço aberto, aos pés de uma encosta, com fileiras e fileiras de bancos de mármore dispostos num largo semicírculo. Peças gregas eram encenadas no palco central, atraindo multidões. Ali também se apresentava a música da moda e liam-se poesias. O teatro ocupava um lugar na vida de ricos e pobres⁷⁰.

Outros testemunhos mais antigos confirmam as raras características da cidade de Tarso, como destaca Fabris ao mencionar as importantes informações apresentadas por Estrabão⁷¹, em sua monumental obra *Geografia*, escrita, provavelmente no início do primeiro século d.C.

Os habitantes de Tarso são tão apaixonados pela filosofia e têm um espírito tão enciclopédico que sua cidade acabou por eclipsar Atenas, Alexandria e todas as cidades que se poderiam recordar por serem terra natal de alguma seita ou escola filosófica [...]. Tarso possui escolas para todos os ramos das artes liberais. Acrescentai a isso o número elevado de sua população e a preponderância notável que ela exerce sobre as cidades vizinhas, e compreenderéis como ela pode reivindicar o nome e o prestígio de metrópole da Cilícia. Os homens celebres desta cidade são os estoicos Antípatro, Arquédamo, Nestor, sem esquecer os dois Atenodoros⁷².

De acordo com Holzner, o ambiente de Tarso em que o apóstolo Paulo cresceu nos explica sobre a influência helenística que sofreu, destacando que o judaísmo da diáspora não pode subtrair nada da vida e da cultura que nesta cidade recebera⁷³.

⁶⁹ BALL, Charles Ferguson. *A vida e os tempos do Apóstolo Paulo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998, p. 07.

⁷⁰ BALL, 1998, p. 07.

⁷¹ Famoso geógrafo e historiador do primeiro século.

⁷² Estrabão, *Geografia*, XIV, 5: 5-15 apud FABRIS, 1996, p. 22-23.

⁷³ HOLZNER, Josef. *San Pablo: Heraldo de Cristo*. Barcelona: Herder Editorial, 1974, p. 18.

Sobre este mundo do helenismo temos que lançar um rápido olhar, se quisermos entender melhor Paulo e suas cartas na escolha das suas expressões e imagens, bem como nas emoções que nelas palpitam. Hoje, é geralmente reconhecido que a maneira de pensar e a forma de vida dos gregos teve influência considerável e é por isso que tinha que ter vivido tempo suficiente em Tarso. Pensava, falava e escrevia em grego como se fosse a sua língua materna, ao passo que Pedro logo que se entregou a missão fora da Palestina, teve de valer-se de um intérprete, sobretudo para sua correspondência epistolar⁷⁴. (Tradução nossa).

Pena, descreve que os privilégios da cidade de Tarso entre outras cidades da Ásia é resultado de uma política de helenização estabelecida por meio da administração da educação nas províncias romanas. Nestas regiões as escolas públicas eram concebidas em modelo arquitetônico dotadas de pórticos e bibliotecas e por sua posição estratégica a cidade de Tarso era privilegiada como o grande centro de cultura helenizada do Oriente, onde se estudava todos os ramos das artes liberais, sobre tudo com forte tradição estoica⁷⁵.

Pena, ressalta ainda que a educação em Tarso era uma adaptação da educação helenística, diferindo, em sua base estoica, da escola grega clássica, contudo, mantendo alguns ideais, e entre eles o mais importante, preparar o indivíduo para ser um verdadeiro cidadão do mundo, numa síntese cultural que aliava os ideais gregos às virtudes fundamentais romanas.

Esta cidade universitária era bastante frequentada, todavia, uma característica a diferia das escolas de Alexandria e Atenas, que recebia diversos alunos, sobretudo, alunos de todas as partes do mundo conhecido, porquanto, Tarso tinha uma característica peculiar, sua escola era bastante procurada, mas era formada prioritariamente por aqueles que eram originários de Tarso⁷⁶.

⁷⁴ HOLZNER, 1974, p. 18. *“A este mundo del helenismo hemos de echar una rápida mirada, para poder entender mejor al Pablo de las cartas, la elección de sus expresiones e imágenes, así como los tonos de sentimiento con ellas unidos. Hoy está reconocido generalmente que el modo de pensar y vivir griego hizo en él notable impresión, y que por eso tuvo que haber vivido bastante tiempo em Tarso. Pensaba, hablaba y escribía em griego como si fuese su lengua nativa, mientras que Pedro, luego que misionó fuera de Palestina, se valió de um intérprete, principalmente em la correspondencia epistolar”.*

⁷⁵ PENA, Abel N. *De Tarso na Cilícia à Roma Imperial. A educação de Saulo*. In: RAMOS, José Augusto; PIMENTEL, Maria Cristina de Sousa; FIALHO, Maria do Céu; RODRIGUES, Nuno Simões (coord's). *Paulo de Tarso, Grego e Romano, Judeu e Cristão*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. 2012, p. 30.

⁷⁶ BRUCE, 2003, p. 29.

Esse fenômeno se dava pelo conhecimento que os habitantes de Tarso tinham acerca dos currículos das escolas de sua cidade, portanto, podemos presumir, que no tempo de Paulo, um plano formativo educacional era seguido desta maneira: primeiramente se era instruído no nível fundamental com ginástica, música, além da arte de ler e escrever, esta educação poderia ser realizada por escravos ou professores particulares.

Após este nível, elevava-se a formação superior, tarefa da reitoria e de suas escolas que ensinavam gramática, a leitura dos clássicos, retórica, dialética, matemática e, o mais alto nível de ensino, aquele realizado nas escolas filosóficas onde ensinavam as habilidades técnicas mais importantes da antiguidade em todos os ramos do conhecimento⁷⁷.

Esta era a grande metrópole, Tarso da Cilícia, que recebera status de cidade modelo, e desde o tempo dos Selêucidas gozava de prestígio que mantinham como padrão cultural, as tradições, a literatura e a língua grega e um sentimento de autonomia profundamente segura⁷⁸.

⁷⁷ BECKER, 2007, p. 83-84.

⁷⁸ PENA, 2012, p. 29.

2. INFLUÊNCIA HELENÍSTICA SOBRE PAULO A PARTIR DOS TESTEMUNHOS BÍBLICOS

O Cristianismo, sem dúvidas, não seria o mesmo sem a teologia paulina, teologia que foi construída ao longo dos anos e por meio de suas obras, o conteúdo das cartas endereçadas as comunidades dos crentes em Cristo. Sem dúvida alguma, ele foi o primeiro e maior teólogo cristão⁷⁹. Pois, foi preeminente em articular a sua fé por escrito, instruindo outros a compartilharem de uma fé comum, dando um grande passo frente a outros que, como o apóstolo, também deixaram seu legado, mas “da primeira geração cristã temos somente um testemunho de primeira mão, a teologização de apenas um homem, Paulo o apóstolo”.⁸⁰

Todavia, isto não é razão para desprezarmos nenhum outro apóstolo ou profeta, mas, conforme nos escreve Becker, “à exceção de Paulo, na primeira geração cristã ninguém se sentiu na obrigação de escolher a forma escrita como recurso de pregação. Paulo constituiu a grande exceção”⁸¹, portanto, sua teologia nunca teve rival, nem substituto⁸², contribuindo com isso, de forma criativa e ousada permitindo que o movimento de Jesus se tornasse uma religião de abrangência internacional e intelectualmente coerente⁸³.

Do apóstolo Paulo, reconhecemos seu epistolário que se mantém, até hoje, como a principal fonte de informações acerca de sua teologia, ainda que não ofereçam uma abordagem sistemática, tampouco exaustiva. Diante dessa realidade ao reconhecer a relevância da teologia paulina, pretendemos destacar nesta pesquisa pontos importantes que ligam Paulo a sua influência helenística que emergem a princípio de suas epístolas e perpassam os demais testemunhos canônicos.

Entretanto, seria bastante pretencioso de nossa parte comprovar apenas com as indicações anteriores, como foi feita de forma simples e panorâmica no capítulo

⁷⁹ DUNN, 2003, p. 26.

⁸⁰ DUNN, 2003, p. 26. O autor em hipótese alguma desconsidera o trabalho realizado pelos demais apóstolos, tampouco, submete as memórias e o ensinamento de Jesus, a relevância paulina, contudo, reforça, apenas, que dificilmente, outras cartas terão sido mais importantes que as epístolas paulinas.

⁸¹ BECKER, 2007, p. 21.

⁸² DUNN, 2003, p. 27.

⁸³ DUNN, 2003, p. 26.

anterior, o helenismo na vida de Paulo, contudo, agora de forma mais profunda pretendemos dirimir qualquer questão em aberto acerca dessas influências.

Pois, após as campanhas de Alexandre Magno⁸⁴ (356-323 a.C.), toda a região da bacia do Mediterrâneo caiu sob influência do idioma e cultura helenística, contudo, há certas diferenças que precisam ser respeitadas e apresentadas, pois, apesar da submissão ao novo ideal, nem todos os lugares do mundo conquistado, isso, inclui, a Palestina e arredores, o processo de helenização foi tão agudo assim.

Havia grandes diferenças relacionadas ao grau de helenização de uma pessoa, grupo ou nação, quanto ao idioma, a educação e a cultura⁸⁵. Estes argumentos não põem em dúvida se a helenização aconteceu ou não, e sim, se em todos os lugares o processo foi tão profundo e eficaz, isto apenas indica que a situação não era a mesma de uma cidade para a outra, razão para aceitar a dificuldade do uso do idioma por um determinado grupo, o que explica também, a variação da língua e o surgimento do grego *koiné*⁸⁶, como veremos mais adiante.

É admissível que alguns povos fizessem o uso do idioma apenas para atender as demandas da vida comum, como para o comércio, por exemplo. Portanto, isto só reforça a hipótese acerca dos diversos graus de helenização.

Mas, em se tratando de Paulo, o apóstolo, até que ponto podemos considerá-lo helenizado? Ou que grau de helenização nele observamos? Becker responde a estas perguntas, ao incluir a cidade de Tarso dentro daquelas que de modo geral, as possibilidades institucionais de uma cultura helenística como ideal, elevaram a cidade

⁸⁴ CHAMPLIN, 2013, p. 103. Alexandre, o grande, filho de Filipe II da Macedônia, foi rei em lugar de seu pai em 336 a. C. até seu falecimento prematuro em 323 a.C. foi discípulo de Aristóteles e implementou um processo de helenização que consistia, basicamente, na propagação do idioma grego por todo o império conquistado.

⁸⁵ BECKER, 2007, p. 83.

⁸⁶ CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 11 ed. São Paulo: Hagnos, 2013, Vol. 3, H-L, p. 704. De acordo com o autor, a palavra *koiné* significa comum, termo que indica a fala grega comum que gradualmente se desenvolveu e foi substituindo os dialetos locais por todo o Mediterrâneo oriental. É mais simples e menos sutil do que o grego ático, porquanto estava rapidamente transformando-se em uma linguagem puramente analítica e não mais sintética, como era o caso do grego clássico.

ao status de cidade modelo, ou seja, uma representante de uma cultura helenista universal⁸⁷.

Esta, portanto, foi a nossa abordagem no capítulo anterior, onde nos ocupamos em demonstrar o quanto o apóstolo foi influenciado pela filosofia helenística de seu tempo, apresentando, a princípio, sua formação e o ambiente que viveu em sua cidade natal, agora, veremos com maior profundidade qual a primeira e maior contribuição deixada na vida e teologia do apóstolo Paulo a partir do seu contexto cosmopolitano no encontro com as cidades de Tarso e Jerusalém, bem como os rastros de sua formação helenizada que o apóstolo deixa como indícios em suas epístolas e demais testemunhos canônicos.

2.1. Influência das cidades, Tarso e Jerusalém: A primeira e mais importante formação do apóstolo Paulo

Podemos dizer que o universo paulino é assim tão abrangente porque abarca a realidade de duas grandes cidades. De acordo com as investigações de Holzner “Duas cidades influenciaram decisivamente sua carreira: Tarso e Jerusalém. [...] duas correntes de formação antiga se fundem nele: a educação judaica e a formação grega na cidade universitária e provincial de Tarso”⁸⁸ (Tradução nossa), como dois rios que desaguam no grande oceano que é a teologia paulina. A margem desta realidade temos a sua cidadania romana, meio pelo qual o apóstolo Paulo usufruía de alguns privilégios⁸⁹.

Essas são as suas raízes históricas, que repousam sobre as duas importantes cidades, no qual a sua personalidade foi sendo construída, garantindo ao apóstolo

⁸⁷ BECKER, 2007, p. 83.

⁸⁸ HOLZNER, 1974, p. 17. “*dos ciudades que influyeron decisivamente en su carrera: Tarso y Jerusalén. [...] dos corrientes de formación antigua se juntaron en él: educación judía y formación griega en la ciudad universitaria y provincial de Tarso*”.

⁸⁹ BRUCE, 2003, p. 29. O autor nos informa que o privilégio paulino concernente a sua cidadania romana provavelmente fora uma aquisição familiar obtida no período dos domínios de Marco Antônio. Quando Atenodoro, o estoico, administrava a cidade de Tarso, este retoma a cidade ao expulsar Boécio, o antigo administrador, e seus companheiros, instaurando uma reforma civil. Uma dessas novidades em sua administração era em relação à cidadania romana, que poderia ser adquirida por meio de um valor fixo de 500 dracmas em propriedades, permitindo daí por diante admitir-se na lista dos cidadãos. Contudo, em nota, o autor menciona na p. 36, que tecnicamente, este direito à cidadania não estava à venda, mas o dinheiro ia para intermediários que viabilizavam meios que permitiam que o nome de alguém fosse colocado na lista de candidatos a serem agraciados como cidadãos.

uma oportunidade que os filhos dos judeus palestinos não tiveram. Este mundo vivenciado por Paulo não o prejudicou, todavia, o estimulou e nele forjou uma identidade ético-religiosa que nutriu um sentimento de dupla pertença e favoreceu o seu crescimento humano e espiritual, mesmo dentro deste confronto dialógico⁹⁰.

Acerca dessa realidade paulina não existem mais abertura para discussões. Sabemos a partir do seu próprio testemunho e demais relatos canônicos a representatividade das duas cidades supracitadas. Contudo, tem surgido algumas hipóteses para determinar qual foi a primeira e mais forte influência na vida, obra e teologia do apóstolo Paulo. A base dessas discussões está no quadro polêmico pintado pelo próprio apóstolo em Filipenses 3. 5.

Entre os autores que fomentam essa discussão podemos mencionar Furtado. Este afirma que Paulo, por orientação de seus pais, permaneceu até o fim da adolescência em Tarso. Sua formação retórica apurada é compatível com a educação superior ofertada na cidade. Ele teria sido entregue, muito cedo, por sua família às escolas e currículos educacionais da privilegiada cidade, e somente após essa etapa de sua formação teria viajado para Jerusalém, para dar continuidade aos estudos. Contudo, vale ressaltar que com essa asserção o autor não exclui a sua educação judaica informal em casa paterna⁹¹.

Contudo, segundo as informações de Bruce, o apóstolo Paulo tinha fortes ligações com sua herança judaica, o que permitiu que ele, a princípio, passasse primeiro por esta formação, ou seja, situando a sua instrução superior já em Jerusalém, aos pés de Gamaliel⁹², Bruce afirma ainda que o mais importante aos olhos do próprio apóstolo não era Tarso, o lugar do seu nascimento, nem tampouco o privilégio da sua cidadania romana, e sim, a sua herança judaica⁹³.

⁹⁰ FABRIS, 2001, p. 46.

⁹¹ FURTADO, 2012, p. 27.

⁹² TENNEY, Merrill C. (org). *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã: 2008, Vol. 2 D-G, p. 954. Famoso sábio judeu, cabeça de uma proeminente família de mestres, conhecido como Gamaliel, *házaqen*, "Gamaliel, o Ancião", viveu durante o primeiro século cristão. Seu avô era Hillel, o Ancião, fundador da escola que recebe seu nome.

⁹³ BRUCE, 2003, p. 37.

Bruce aponta ainda para o fato de Paulo dizer que é “hebreu de hebreus” (Fp 3. 5) e que o Paulo lucano assegura em (At 22. 3), indicando um termo especializado em seu sentido mais restrito que difere do “judeu ou israelita”, também utilizado em contraste com “helenistas”, apesar de serem ambos judeus. A distinção que se impõe entre os termos está na relação, provavelmente, cultural e linguística, pois, neste caso os “hebreus” eram aqueles que frequentam a sinagoga⁹⁴ no qual a liturgia e leitura era realizada em hebraico e aramaico, enquanto que os “helenistas” eram os judeus de fala grega que frequentavam as sinagogas em que a liturgia e as orações eram dirigidas em grego⁹⁵.

Furtado, no entanto, garante que a relação entre os termos não resolve o problema e responde a esta questão destacando que não seria necessário supor que Paulo conhecesse a Septuaginta, visto que ele era um judeu da diáspora, onde, em qualquer sinagoga, somente a versão grega era utilizada. Portanto, ele conheceria muito bem a versão dos LXX, quer sua educação tenha sido realizada em Jerusalém, quer em Tarso.

Para Furtado, a garantia de que a família do apóstolo Paulo o tenha matriculado inicialmente em uma escola de fundamento estoico na cidade de Tarso é mais aceitável que sua iniciação superior judaica. Tal pressuposto está fundamentado na boa formação retórica que o apóstolo possuía, reforçando que não existem fontes evidentes que garantam uma formação estoica em Jerusalém, ou no mínimo em oratória⁹⁶.

Bruce até admite que Paulo, por ter nascido em uma cidade de fala grega, naturalmente deveria falar o grego e, portanto, seria chamado de helenista, mas, garante que mesmo não tendo o grego como um idioma estrangeiro, Paulo se considerava um autêntico hebreu. Insistindo que isso não está explícito na sua

⁹⁴ TENNEY, Merrill. C. (org). *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã: 2008, Vol. 5 Q-Z, p. 635. Termo geral aplicado a uma congregação de judeus, pessoas de fé religiosa judaica e, por extensão, o nome do prédio ou da estrutura na qual essa adoração ou outra atividade acontece.

⁹⁵ BRUCE, 2003, p. 38.

⁹⁶ FURTADO, 2012, p. 24.

educação ou na sua criação, mas, no indicativo familiar, ou seja, a expressão “hebreu de hebreus” indica que seus pais eram hebreus antes de Paulo.

As passagens lucanas de At 21. 40; 22. 3, garantem que ele se dirigiu a uma multidão em aramaico, e a referência de At 26. 14 só reforça a tese da sua formação inicial judaica, pois a voz do céu que lhe falou, se dirigiu a ele em aramaico⁹⁷.

Por fim, Bruce analisa a afirmação paulina da passagem de Gl 1. 14, em que Paulo testemunha a sua fidelidade precoce à Lei, adiantando-se, e muito, a outros de sua idade. Isso confirma a sua proposição de que diferente de outros judeus da diáspora, a família de Paulo observava rigorosamente o estilo de vida hebreu, resguardando o apóstolo das oportunidades que a cultura e a educação em Tarso lhe proporcionariam, garantindo, a princípio, uma educação pautada no rigor e na ortodoxia judaica.

Enfática para Bruce é a passagem de At 26. 5. Em que diante de Agripa o apóstolo menciona a rigorosidade de seu farisaísmo, a seita de cunho mais severo de sua religião, sem esquecer da referência aos irmãos da Galácia, em Gl 1.14, onde o apóstolo relata seu avanço perante os jovens de sua idade. Bruce garante dizer que os pais de Paulo cuidaram para que ele, em sua infância, fosse amparado a partir de influências saudáveis em Jerusalém, a primeira cidade/escola do apóstolo Paulo.

Ainda mais enfática para Bruce é a passagem de At 23.6, onde perante os Sinédrio Paulo afirma ser filho de fariseus. Portanto, diante de sua afirmação, não haveria sentido em interpretar as palavras de Paulo como sendo um simples “aluno de fariseus”, todavia, todas as referências citadas anteriormente reforçam que os antepassados de Paulo eram fariseus e legaram a ele essa educação primária⁹⁸.

Furtado, ao analisar essa questão, garante a veracidade dos textos mencionados acima, ratificando que Paulo estudou em Jerusalém numa escola de fariseus, com todo seu rigor concernente a Lei, corroborando perante Agripa seu zeloso viver farisaico. Mesmo havendo um farisaísmo rigoroso por parte do apóstolo,

⁹⁷ BRUCE, 2003, p. 38,39.

⁹⁸ BRUCE, 2003, p. 39.

Paulo seria o único exemplo de um fariseu com as características do farisaísmo rigoroso do primeiro século, que ao mesmo tempo era um judeu da diáspora e cidadão romano.

Isso seria um absurdo, primeiro por não existir farisaísmo na diáspora, pois, de fato a exemplo de Pedro (At 10. 28), que nem era fariseu, disse que não era permitido a um judeu entrar em contato com um estrangeiro ou entrar em sua casa, o que seria impossível para Paulo, vivendo na diáspora suportar um farisaísmo tão rigoroso assim e compatibilizá-lo com uma cidadania romana em uma cidade grega⁹⁹.

Entretanto, é mais fácil admitir que a educação judaica do apóstolo, a saber, o seu farisaísmo, é posterior a sua formação helenística, demonstrada por sua retórica, do que admitir o farisaísmo dos pais de Paulo ser compatível com os privilégios de uma cidadania romana na cidade de Tarso. Portanto, é pertinente a hipótese da metáfora, que garante que Paulo era “aluno de fariseu” e não filho¹⁰⁰.

Portanto, é mais verossímil afirmar a hipótese de Furtado ao conciliar a sua situação como um judeu da diáspora, e portanto, testificar que logo após seus estudos superiores na cidade de Tarso, o ainda jovem Paulo partiu para Jerusalém, onde esteve para dar continuidade aos seus estudos e cumprir as exigências judaicas que pesavam sobre ele, estando aos cuidados de Gamaliel (At 22. 3), na escola de Hillel, que de acordo com Furtado tinha “maior compromisso com o helenismo e com a aceitação de prosélitos¹⁰¹”, portanto, uma escola bastante cômoda para Paulo.

2.2. Influência na escrita e no estilo de suas epístolas

Não podemos negar os domínios que o apóstolo Paulo tinha do idioma de sua terra natal. Como vimos anteriormente, ele dominava o grego não apenas em sua verbalização, mas, também, escrevia segundo os melhores padrões estilísticos da literatura helenística da época. Contudo, é mister, fazer distinção entre a língua

⁹⁹ FURTADO, 2012, p. 25

¹⁰⁰ FURTADO, 2012, p. 26.

¹⁰¹ FURTADO, 2012, p. 26.

literária e a língua falada, a primeira era digna e artisticamente reconhecida enquanto que a outra era considerada vulgar, em seu sentido comum.¹⁰²

Essas mesmas distinções entre a língua literária e a língua falada, também eram feitas, já num período anterior à Paulo, concernente às pessoas distintas entre o povo por causa do nível de sua instrução¹⁰³, em detrimento daquelas consideradas vulgar, ou seja, sem formação grega¹⁰⁴, além daqueles que não falavam grego e eram depreciados ao serem incluídos na classe dos bárbaros¹⁰⁵, (Rm 1. 14).

A língua falada e de uso comum, no período do apóstolo, era o grego *koiné*, língua franca, idioma utilizado no dia a dia, resultado da simbiose entre culturas¹⁰⁶, fruto da evolução natural e da adaptação, do encontro inevitável com outros povos, portanto, língua rudimentar, simples e longe da pureza do tempo clássico do idioma¹⁰⁷. Este idioma foi se adaptando até se tornar o idioma mais falado no ambiente do primeiro século.

Podemos, portanto, determinar, a partir desse contexto, que a língua falada pela maioria dos povos conhecidos na Ásia Menor entre os ambientes anteriores e posteriores ao apóstolo Paulo, era predominantemente o grego *koiné*, no entanto, poucos eram aqueles que possuíam a requintada arte da escrita finamente estilística no qual Paulo se privilegiava.

Diante desta realidade podemos até mesmo citar o também apóstolo, Pedro, que se valia de um intérprete, quando longe da Palestina, principalmente na produção

¹⁰² BARBAGLIO, 1993, p. 52.

¹⁰³ ARENS, Eduardo. *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João: aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 45. Conforme Arens, as “classes” sociais do ambiente do primeiro século se diferem e muito das concepções dos dias de hoje, pois, elas não estavam diretamente relacionadas as condições econômicas e sim, ao grau de instrução de cada uma delas, prova disso que muitos escravos ou libertos eram considerados cultos e, portanto, eram mais bem estimados que os escravos incultos, muitos desses escravos cultos não eram nem mesmo vendidos, mas eram tratados com admirável respeito, sendo eles responsáveis pela educação dos filhos das famílias de seus senhores.

¹⁰⁴ MAZZAROLLO, 2011, p. 04

¹⁰⁵ BARBAGLIO, 1993, p. 52.

¹⁰⁶ ARENS, 1997, p. 46.

¹⁰⁷ BARBAGLIO, 1993, p. 52.

de sua literatura epistolar, pois o mesmo, não possuía os profundos conhecimentos que Paulo tinha à sua disposição¹⁰⁸.

Vale ressaltar que o profundo conhecimento que Paulo tinha do grego em sua forma literária o conduziu a fazer o uso, nas citações feitas do Primeiro Testamento, em algumas de suas epístolas, das Escrituras judaicas em sua forma grega, a Septuaginta ou versão dos LXX¹⁰⁹ versão também usada nas sinagogas da diáspora judaica.

Kuss afirma que o apóstolo Paulo quando era judeu viveu, “com uma mentalidade judaica forjada na versão dos LXX”¹¹⁰ (Tradução nossa), essa característica é fator significativo, pois, reforça a tese acerca do nível de sua educação helênica, o que responde as intenções do apóstolo, em suas viagens missionárias, conduzir-se, quase sempre, no encontro de cidades greco-romanas, desvelando o reflexo de seu ambiente social urbano¹¹¹.

Isto fica mais claro ao fazermos uma comparação entre as cartas autênticas do apóstolo Paulo, pois, veremos a matriz do seu roteiro formativo, a sua linguagem e estilo apresentam sinais do uso do grego de sua época que podem ser facilmente identificadas pela influência grega e o uso Septuaginta, movendo-se dentro da atmosfera helenística¹¹².

São exatamente em suas epístolas que ele põe em prática algumas técnicas de argumentação e os modelos de comunicação que aprende nas escolas superiores helenistas e que constam nos maiores manuais e tratados de retórica de sua época¹¹³.

¹⁰⁸ HOLZNER, 1974, p. 18.

¹⁰⁹ A versão dos LXX (setenta) ou simplesmente Septuaginta foi a primeira tradução a ser produzida e a mais importante entre outras versões do Primeiro Testamento, foi traduzida do seu idioma original, o hebraico, para o grego. É assim conhecida porque foi preparada em Alexandria por 72 anciãos judeus eruditos.

¹¹⁰ KUSS, Otto. *San Pablo: la aportación del apóstol a la teología de la iglesia primitiva*. Barcelona: Editorial Herder, 1975, p. 302. “con la mentalidad de un judío forjado en la versión de lo LXX”.

¹¹¹ MEEKS, Wayne A. *Los primeros cristianos urbanos: el mundo social del apóstol Pablo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1987, p. 23.

¹¹² FABRIS, 2003, p. 58.

¹¹³ FABRIS, 2003, p. 60.

Dentro deste campo de investigação, vemos o quanto Paulo domina todas as regras do estilo epistolar, em seu acervo observamos os arranjos gerais de composição de uma carta, a saber, os recursos de argumentação e exposição. Esses recursos são usados por Paulo e seguem o formulário grego de composição, dividindo suas partes da seguinte forma: o início em *superscriptio* (indicação do emitente), *adscriptio* (indicação dos destinatários), e *salutatio* (saudação em estilo formal), nesta última parte, a oração gramatical ele faz dentro dos moldes judaicos¹¹⁴.

Dunn compreende que nosso olhar em relação as epístolas paulinas não deve ser apenas de uma mera correspondência formada por uma sequência de conversas ocasionais entre o apóstolo e suas igrejas, mas, devem ser vistas como produtos literários do primeiro século, e, portanto, devem ser avaliadas a partir de uma análise literária e retórica que resulta na solução de suas particularidades, tomamos como exemplo, os aspectos distintos das aberturas e conclusões de suas epístolas, que ao serem comparadas com a prática epistolar da época nos esclarecem sobre as técnicas retóricas do apóstolo, pois, por meio delas procurava persuadir seus leitores¹¹⁵.

Não podemos esquecer que Paulo fazia sua teologia a partir das suas cartas, sua teologia estava emoldurada por suas saudações, agradecimentos, orações, explicações pessoais e despedidas nas conclusões de cada uma de suas epístolas, sua teologização começava e encerrava com assuntos práticos na tentativa de dar um sentido simples ao evangelho, meio pelo qual se conduzia a uma vida cotidiana totalmente cristã¹¹⁶.

2.3. Influência em sua Teologia:

Paulo era desprezado pelos judeus-cristãos como demasiado helenista, visto que pertenceu, anteriormente, ao grupo do judaísmo helenizado¹¹⁷. Por esta e outras razões foi inúmeras vezes mal entendido e interpretado. Podemos tomar como

¹¹⁴ BECKER, 2007, p. 86.

¹¹⁵ DUNN, 2003, p. 37.

¹¹⁶ DUNN, 2003, p. 830.

¹¹⁷ CERFAUX, Lucien. *O cristão na teologia de Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1976, p. 16, 18.

exemplo o destaque que o apóstolo Pedro faz dele em uma de suas epístolas (2 Pe 3. 15-16).

Nesta passagem o apóstolo Pedro exalta as intenções do “nosso amado irmão Paulo”, que em suas epístolas aborda assuntos segundo a sabedoria que lhe foi concedida. Contudo, sua abordagem epistolar, em geral, era mal interpretada por pessoas que também se ocupavam em deturpar as demais Escrituras, considerando que nas epístolas paulinas haviam coisas difíceis de se entender.

O apóstolo Pedro não deixa claro quais eram os aspectos discutidos nalgumas dessas epístolas paulinas, assuntos que os “ignorantes e instáveis deturpavam”, mas podemos admitir que tal referência presume um intercâmbio literário entre os apóstolos, em outras palavras, possivelmente Pedro deve ter entrado em contato com algumas dessas epístolas paulinas e vice versa.

Citamos o exemplo da referência petrina ao apóstolo Paulo para corroborar a cosmovisão paulina que interfere na sua maneira de argumentar, indicando sempre um pano de fundo greco-romano. Uma dessas influências a ser relacionada é a assim chamada diatribe, um estilo retórico de discurso e escrita que se caracteriza por elementos dialógicos.

Uma grande proximidade à diatribe cínico-estóica manifesta-se nos catálogos paulinos de *perístases*. Catálogo de perístases descrevem as condições e situações de vida nas quais se encontra o filósofo ou pregador e que representa os casos concretos nos quais seu ensinamento deve se comprovar¹¹⁸.

Becker também concorda com este ponto evidente da teologia paulina, pois, nos informa que Paulo conseguia muito bem coordenar suas ideias, tornando transparente a sua sucessão de pensamentos. Portanto, Paulo se serve de um artifício, um estilo linguístico chamado de diatribe¹¹⁹. Nesse estilo, se evidencia, como já demonstrado, a sua influência helenística de ensino superior.

¹¹⁸ SCHNELLE, 2010, p. 86.

¹¹⁹ BECKER, 2007, p.86.

Pela forma paulina de se argumentar, é imprescindível não reconhecer nele o exame da retórica grega. Pelo que parece, em seus textos ele dá imenso valor a retórica, ao menos que estejamos convictos que ele se baseava no êxito de sua eloquência. Contudo, é mais fácil admitir que o apóstolo possuía conhecimentos de oratória pelo fato de ele lutar com seus adversários usando um método conhecido como persuasão de discurso (1 Co 2. 4; 2 Co 5. 11)¹²⁰.

Outra característica atualmente reconhecida são as listas de vícios e virtudes nas epístolas paulinas como em Gálatas 5. 19-23 e Romanos 1. Em última análise, originam-se da doutrina do pórtico. Contudo, listas razoavelmente extensas aparecem na literatura judeu-helenística, como em Fílon. Sendo este o caso, muito provável afirmar que as listas paulinas foram influenciadas diretamente pelo estoicismo ou indiretamente por intermédio do judaísmo helenístico¹²¹.

“Podemos reconhecer em seus textos, conceitos e expressões, especialmente as que são emprestadas do estoicismo popular, que circulavam na época e que ele, de modo livre, colocou a serviço de contextos cristãos”¹²².

2.4. Influência nas citações e encontros

Em sua primeira epístola aos Coríntios 15. 33, o apóstolo Paulo escreve o seguinte, “Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes”. Nesta referência o apóstolo Paulo faz uma citação direta da obra de um poeta grego bastante popular na época. Isso pode ser uma demonstração da realidade em que o apóstolo estava inserido. Sua ocupação como apóstolo e plantador de igrejas não o impossibilita de mencionar obras que foram influentes em seus estudos helenísticos na cidade de Tarso.

Contudo, de acordo com Fabris, o diálogo epistolar que o apóstolo tem com os cristãos das cidades gregas, a maioria advindas das camadas mais baixas da sociedade, não oferece razões plausíveis para que Paulo, ao escrever aos seus

¹²⁰ BECKER, 2003, p. 87.

¹²¹ HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (org's). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 1230.

¹²² BRUCE, 2003, p. 122.

ouvintes utilizasse de citações de eruditos e demais filósofos, obras a que pessoas das camadas populares não tinham acesso, portanto, não teriam valor algum, pois, eram desconhecidas¹²³.

Contudo, na opinião de Fabris, provavelmente, mesmo diante da sua formação helenística e dos conhecimentos diretos que recebera em sua educação formal grega, a leitura de alguns pensadores, talvez o caso de Menandro, não se constituíam como motivos para se fazer tais citações¹²⁴. Podemos presumir que Paulo não tenha entrado em contato direto com os escritos de alguns filósofos gregos e profanos. Todavia, esta citação na época poderia estar viva na mente daqueles que a conheciam, pois havia se tornado um provérbio largamente utilizado entre os coríntios¹²⁵.

Percebemos, então, que as intenções do apóstolo são de rebater os poderosos argumentos da filosofia grega. Vendo-se convencido disto, faz a citação do antigo provérbio do poeta grego, a partir da sua obra, uma comédia grega chamada *Thaís*. Pode ser que a representação desta comédia em forma de peça, tenha sido representada, ocasião em que faria ser lembrada pelo apóstolo e por seus ouvintes. Contudo, neste trecho, a intenção do apóstolo Paulo é a de advertir os próprios cristãos gregos a não deixarem ser conduzidos pelos falsos argumentos¹²⁶.

Outra menção atribuída ao apóstolo Paulo está na epístola a Tito 1. 12: “Foi mesmo, dentre eles, um seu profeta, que disse: Cretenses, sempre mentirosos, feras terríveis, ventre preguiçosos”

Nesta passagem, Paulo cita uma frase de Epimênides, um pensador e poeta natural da ilha de Cnossos, em Creta (séc. VI a.C.), poeta bastante apreciado pelos cretenses, especialmente por ser estimado como um profeta e o fato de algumas de suas predições se cumprirem fielmente. Inclusive, provavelmente, num período

¹²³ FABRIS, 2001, p. 61.

¹²⁴ FABRIS, 2001, p. 61.

¹²⁵ RADMACHER, Earl D.; ALLEN Ronald B.; HOUSE, Wayne H. *O novo comentário bíblico do Novo Testamento com recursos adicionais*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010, p. 444.

¹²⁶ BÍBLIA, King James Atualizada (KJA). São Paulo: Abba Pess, 2012, p. 2229.

posterior ao apóstolo Paulo a expressão “cretinizar” foi incorporada a literatura grega para aludir ao ato incontrolável dos cretenses de mentir¹²⁷.

Pelo que parece, cada povo tem suas características habituais. Os cretenses eram um povo que vivia para satisfazer suas paixões grosseiras, eram alérgicos à labuta diária e nada comedidos em relação à alimentação. Por isso, o apóstolo Paulo faz essa citação para fazer lembrar os cretenses dessas características, razão simples de refletirem sobre tais aspectos e fugirem deste antigo estilo de vida¹²⁸.

Em sua obra, *As leis*, Platão, faz uma referência a Epimênides.

Quanto a minha história, estrangeiro, igualmente depois de, a ouvires te sentiras totalmente à vontade para dizeres o que desejas. Provavelmente deves ter ouvido falar como aquele homem inspirado, Epimênides, que era meu parente, nasceu em Creta, e como dez anos antes da guerra contra a Pérsia, em obediência ao oráculo do deus, ele se dirigiu a Atenas e ofereceu certos sacrifícios que haviam sido ordenados pelo deus, e como, ademais, quando os atenienses ficaram alarmados diante da força expedicionária dos persas, ele fez esta profecia: “ Eles não viram por dez anos e quando realmente vierem, retornarão novamente com todas suas esperanças frustradas, e depois de sofrerem mais infelicidades do que as infligirem.” Então nossos ancestrais passaram a permutar hospitalidade e amizade com os vossos, e desde então tanto meus pais quanto eu desenvolvemos uma afeição por Atenas¹²⁹.

O apóstolo Paulo sabendo de tais episódios sobre a vida de Epimênides, chama-o ‘um seu profeta’. Isso não significa que o apóstolo considerava Epimênides como um profeta, mas destaca que os cretenses provavelmente tinham esta imagem dele. Portanto, seria plausível mencioná-lo, e, principalmente, o Epimênides que as menções supracitadas caracterizam somado a sua posição quanto aos aspectos sociais dos cretenses.

Outro encontro entre Paulo e a filosofia grega que podemos mencionar, está no testemunho lucano em Atos 17, onde o autor menciona os debates do apóstolo na

¹²⁷ BÍBLIA, King James, 2012, p. 2362.

¹²⁸ MACDONALD, William. *Comentário bíblico popular, versículo por versículo do Novo Testamento*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 810.

¹²⁹ PLATÃO. *As leis: Incluindo Epinomis*. São Paulo: Edipro, 2010. p. 91

cidade de Atenas. Contudo, não há vestígios nas epístolas paulinas acerca desses diálogos e encontros¹³⁰.

Nesse encontro nos concentraremos nas citações que são feitas no diálogo entre o apóstolo Paulo e filósofos estoicos e epicureus conforme o testemunho de Atos dos Apóstolos.

Paulo, diante do Areópago, apresenta seu discurso, a filósofos estoicos e epicureus (At 17. 16-31), neste texto ele faz citação a alguns filósofos por ele conhecidos. A sua erudição aflora neste momento de encontro, pois Paulo começa a lhes falar citando alguns poetas gregos, primeiro Epimênides que viveu por volta de 600 a. C., em sua obra *Cretica*: “nele vivemos, nos movemos e existimos”, depois o poeta Arato (315-240 a. C.), seu conterrâneo, que afirmou em *Fenômenos* “somos descendência de Deus” e, por fim, o hino de Cleanto (331-233 a. C.) em homenagem a Zeus, “somos todos sua descendência”. Aqui, como em outras oportunidades (1 Co 15.33 e Tt 1. 12), Paulo aproveita para citar conhecidos pensadores gregos¹³¹.

¹³⁰ BECKER, 2007, p, 29.

¹³¹ BÍBLIA, King James, 2012, p. 45.

3. A IMORTALIDADE DA ALMA E A RESSURREIÇÃO DO CORPO NA TEOLOGIA PAULINA

Este capítulo, que pretendi comparar a compreensão grega da imortalidade da alma com a compreensão paulina sobre a ressurreição do corpo, é uma forma de concretizar os capítulos anteriores, que trataram sobre uma possível influência helenística no pensamento do apóstolo. O capítulo não fará uma abordagem exegética dos textos paulinos sobre o tema, mas irá orientar-se por meio dos escritos de Oscar Cullmann sobre a questão.

A partir da perspectiva do autor supracitado, perguntamos até que ponto a crença da imortalidade da alma está de acordo com o posicionamento paulino proposto pelo apóstolo nas Escrituras? Reconhecendo que aquilo que foi deixado pelo apóstolo Paulo, se constitui, ou pelo menos deveria se constituir como tradição apostólica até os dias de hoje. Ao apresentar a opinião de Cullmann acerca desse assunto nos dias atuais, reconhecendo as más interpretações que ao longo dos tempos têm invadido a teologia paulina.

É correto afirmar que o centro do evangelho pregado pelo apóstolo Paulo gira em torno da morte e da ressurreição de Jesus. Isso pode ser comprovado pelo seu próprio testemunho. Em suas próprias palavras o apóstolo diz: “Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras¹³²”. Este é o fundamento, o ponto central de sua pregação como um todo.

É certo que algumas concepções errôneas sobre esse assunto são frutos de uma má interpretação de termos empregados pelo apóstolo Paulo, como por exemplo o eufemismo¹³³ dormir: “é certamente incorreto entender o termo ‘dormir’ como uma explicação do modo de continuação da existência depois da morte¹³⁴”. Esse termo aparece algumas vezes nas Escrituras, contudo, as referências bíblicas que veremos

¹³² 1 Co 15. 3-4.

¹³³ ZUCK, Roy B. *A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 178. Eufemismo consiste na substituição de uma expressão desagradável ou injuriosa por outra inócua ou suave. A Bíblia fala da morte dos cristãos como adormecimento.

¹³⁴ RIDDERBOS, Herman. *A teologia do apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo dos gentios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 561.

no decorrer desta pesquisa tampouco refletem uma concepção sobre um estado intermediário nas epístolas paulinas, em outras palavras, uma atitude muitas vezes precipitada. “É o fato bruto de que a vida termina na morte que deve ser aceito e tratado numa teologia que oferece esperança¹³⁵”.

Sabemos da influência helenística que envolve algumas concepções concernentes a teologia paulina. Sabemos também que principalmente o estoicismo e a retórica grega foram usados como meio de abordagem em suas epístolas e são frutos do encontro com a cultura helenística da sua cidade natal.

As duas primeiras partes desta pesquisa se ocuparam em detalhar esta realidade. Contudo, nesta última parte da pesquisa nos ocuparemos com a concepção teológica paulina sobre a esperança cristã da imortalidade da alma e da ressurreição dos corpos, compreendidas a partir da perspectiva do teólogo francês Oscar Cullmann.

Segundo Oscar Cullmann tais concepções se afastam da realidade do Novo Testamento, pois são fortemente moldadas por concepções filosóficas platônicas e não por concepções paulinas.

3.1. Oscar Cullmann: sua vida e Teologia, uma breve consideração

Antes de nos debruçarmos sobre a teologia do apóstolo Paulo no tocante à imortalidade da alma e à ressurreição dos corpos avaliada pelo olhar e crítica do teólogo Oscar Cullmann, consideramos relevante fazer uma breve consideração acerca da vida e teologia deste renomado teólogo, para compreendermos melhor esta grande figura do século XX e avaliarmos seu posicionamento acerca do tema que rege este capítulo.

Oscar Cullmann se prefigura como um dos teólogos mais eminentes do protestantismo do século XX. Foi um dos gigantes da teologia da Sagrada Escritura, especificamente por sua afinidade com os problemas da história da Igreja Primitiva. Reconhecido por sua causa ecumênica, ele ocupava cadeira cativa entre os teólogos

¹³⁵ DUNN, 2003, p. 161.

contemporâneos, pois o teor de suas contribuições revelam uma nova forma de teologizar¹³⁶.

Nasceu em 1902 em Strasbourg, na Alemanha, época em que sua cidade natal estava sob os domínios dos alemães por quase trinta anos¹³⁷. Contudo, mantendo sempre seu caráter francês, sua família pertencia à Igreja de confissão luterana e segundo essa confissão foi educado¹³⁸.

Recebeu sua educação primária na sua cidade natal, onde também obteve seu bacharelado em Teologia em 1924, partindo para Sorbonne, para dar continuidade aos estudos, retornando após dois anos para Strasbourg, para assumir a direção dos estudos teológicos da cidade. Em 1938, diante da reputação como estudioso do Novo Testamento, é convidado para a Universidade de Basileia, ocupando também na mesma década diferentes cátedras, todas em Novo Testamento, em diferentes universidades de Paris¹³⁹.

Morreu aos 96 anos em Chamonix, França. Na universidade da cidade de Basle formou um centro de teologia ecumênica, onde promovia encontros com teólogos católicos romanos e ortodoxos. Por tais intenções, tornou-se, durante o Concílio Vaticano II, observador oficial não católico (1962-1965), quando propôs ao Papa Paulo VI o estabelecimento de um Instituto Internacional de relacionamento cristão, onde se poderia experimentar uma vida de oração, estudo e diálogo. Muito premiado e convidado por diversas universidades para palestrar e lecionar, Cullmann preferiu permanecer em Basle, onde frequentava a Igreja de Confissão Luterana¹⁴⁰.

Sua afinidade com os temas voltados sobre a história da Igreja Primitiva o conduziu à publicação de várias obras, sejam artigos ou livros com esta temática, buscando sempre a essência cristã e suas relações com as confissões mais antigas do cristianismo primitivo não obstante sua tese de doutorado possuir esta

¹³⁶ MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte: os teólogos protestantes e ortodoxos*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1980, (Teologia hoje, Vol. 16), p. 139.

¹³⁷ CHAMPLIM, 2013, p. 1028.

¹³⁸ MONDIN, 1980, p. 139.

¹³⁹ MONDIN, 1980, p. 140.

¹⁴⁰ CULLMANN, Oscar. *Das origens do evangelho à formação da teologia cristã*. São Paulo: Fonte Editorial, 2004. Orelha do livro.

abordagem¹⁴¹. Desta realidade surgem as suas preocupações com as concepções básicas do cristianismo neotestamentárias, como veremos no próximo item.

Sua teologia dogmática é uma tentativa de interpretar e confrontar as verdades reveladas pela Bíblia com as problemáticas religiosas do momento presente. Sua teologia bíblica procura estabelecer qual o efetivo ensinamento da Bíblia, constatando simplesmente aquilo que o Novo Testamento ensina. Ele revela que o seu primeiro dever, antes de qualquer avaliação, inclusive da sua própria fé, é ouvir em obediência aquilo que os autores do Novo Testamento querem comunicar, mesmo que possa parecer estranho¹⁴².

Por estas declarações, bem como por conta de suas publicações, o próprio teólogo de Strasbourg reclama dos ataques daqueles que, com hostilidade violenta, protestam a publicação de suas obras, falando especificamente da publicação que estudaremos mais adiante. Abaixo ele descreve em detalhes as declarações que recebera.

Nenhuma outra publicação minha tem suscitado reações tão vivas quanto estas, entusiasmo para alguns, hostilidade violenta para outros. Os editores dos periódicos em questão me enviaram algumas cartas de protesto que receberam de seus leitores. Numa das cartas, o escritor foi conduzido pelo meu artigo à seguinte e amarga reflexão: "O povo francês, morre por falta de Pão da Vida, e foi oferecido pedras no lugar de pão, senão serpentes". Outro parece que me colocou como uma espécie de monstro que se deleita em causar aflição nas almas. "Será que o sr. Cullmann tem uma pedra no lugar de um coração?". Para um terceiro meu estudo foi 'objeto de espanto, tristeza e profunda aflição'. Alguns amigos que acompanharam meus trabalhos anteriores com interesse e simpatia participaram-me da dor que este artigo os causou. Em outros percebi um desgosto que tentaram me ocultar num silêncio eloquente¹⁴³. (Tradução nossa).

¹⁴¹ MONDIN, 1980, p. 142.

¹⁴² MONDIN, 1980, p. 144.

¹⁴³ CULLMANN, Oscar. *La inmortalidad del alma o la resurrección de los cuerpos: el testimonio del Nuevo Testamento*. Madrid: Studium, 1970, p. 5-6. *Ninguna de nuestras restantes publicaciones ha suscitado reacciones tan vivas como ésta, entusiastas las unas, violentamente hostiles las otras. Los redactores de las publicaciones en cuestión han tenido la deferencia de remitirnos algunas de las cartas de protesta que han recibido de sus lectores. A uno de sus corresponsales, nuestro artículo le ha inspirado la siguiente amarga reflexión: "Al pueblo francés que muere porque le falta el pan de vida, se le brindan piedras en lugar de pan, cuando no son ya escorpiones." Otro parece tomarnos por una especie de monstruo que se complace en suscitar la turbación en las almas. "¿M. Cullman, escribe, tiene una piedra en lugar de corazón?" Para un tercero, nuestro estudio ha sido "objeto de extrañeza, de tristeza y de viva inquietud". Algunos amigos que han seguido nuestros trabajos anteriores con interés y simpatía nos han participado la pena que el presente les ha causado. En otros hemos advertido un disgusto que han intentado ocultar en un silencio elocuente.*

Vejamos, portanto, as opiniões teológicas de Oscar Cullmann, o teólogo de Strasbourg, sobre a imortalidade da alma e a ressurreição do corpo, numa perspectiva paulina dentro de suas duas obras, a saber, “*Das origens do evangelho à formação da teologia cristã*” e “*La inmortalidad del alma o la resurreccion de los cuerpos: el testimonio del Nuevo Testamento*”.

3.2. Imortalidade da alma ou ressurreição do corpo?

Dentro do cristianismo primitivo, o apóstolo Paulo é figura fundamental para argumentarmos acerca do posicionamento bíblico sobre a imortalidade da alma e da ressurreição dos corpos, tendo em vista que, entre todos os escritores do Novo Testamento, ele foi aquele quem mais escreveu sobre esse tema.

Dentro do testemunho lucano, vemos o apóstolo sendo escarneado, entre gregos, por ensinar a ressurreição dos corpos (At 17. 32), provavelmente contrastando com a perspectiva grega sobre a imortalidade da alma, ensinada pelos filósofos estoicos e epicureus. Portanto, é de suma importância trazer o apóstolo Paulo para essa discussão, intermediada por um dos teólogos mais influentes do século XX, Oscar Cullmann.

As oposições que Cullmann recebeu a suas obras revelam, em seu parecer, a atitude e opinião errônea e comum de muitos hoje, qual seja, a concepção grega acerca da imortalidade da alma como caráter formativo dentro dos círculos cristãos, para ele “um dos mais perigosos mal-entendidos do cristianismo¹⁴⁴”. Esse fenômeno se dá pela atribuição ao cristianismo primitivo a crença grega da imortalidade da alma em sua relação com a esperança cristã da ressurreição dos mortos.

As concepções que precisamos nos atentar para compreender a sua opinião acerca do tema estão voltadas para o contexto primitivo, com raízes na história da salvação proposta pelo autor¹⁴⁵. De acordo com Cullmann, a solução para este problema, começa pela comparação que deve ser feita entre as opiniões que Paulo e Platão expressaram, pois em algum momento da história do cristianismo foi feita uma

¹⁴⁴ CULLMANN, 2004, p. 183.

¹⁴⁵ MODIN, 1980, p. 154.

conexão entre as duas crenças, o que tem causado uma enorme confusão nos dias de hoje¹⁴⁶.

Cullmann considera como verdadeira a assertiva de que não pode haver uma conexão entre a expectativa da ressurreição dos mortos e a crença na imortalidade da alma, ou seja, precisamos renunciar a uma em detrimento da outra. Como ele mesmo diz: “O conteúdo de I Coríntios 15 foi sacrificado em favor de Fédon¹⁴⁷”.

Nesta passagem, (1 Co 15. 1-57), o apóstolo Paulo estabelece as bases da fé cristã sobre a ressurreição dos corpos, entre cristãos gregos, contrapondo “A realidade helenística acerca da crença na imortalidade da alma.

Cullmann argumenta que precisamos saber distinguir o ensino cristão da crença grega, pois, essa atitude representa um retorno à essência do cristianismo primitivo.

Como parâmetro para explicitar a oposição entre a crença na imortalidade da alma e a doutrina neotestamentária da ressurreição do corpo, o teólogo de Strasbourg coloca em paralelo os momentos finais que antecedem as mortes de Sócrates e de Jesus. A morte de Sócrates descrita por Platão no Fédon, onde ele apresenta, de acordo com Cullmann, a descrição mais elevada que já se apresentou acerca da imortalidade da alma¹⁴⁸. Na concepção de Platão, o corpo é, para a alma, apenas uma vestimenta¹⁴⁹, ou seja, apenas algo exterior.

Partindo desse princípio, pensar a morte, em Fédon, é pensar na liberdade que a alma pode desfrutar, agora desapegada do corpo. Bastante diferente é a concepção bíblica veterotestamentária, pois, o termo hebraico que está na base das versões equivalentes no grego e latim é *nepheesh*. Esse termo, no sistema hebraico de pensamento, não vê a alma como desapegada do corpo. Não ocorre, em nenhuma

¹⁴⁶ CULLMANN, 1970, p. 08.

¹⁴⁷ CULLMANN, 1970, p. 09. “*se ha sacrificado el capítulo 15 de la primera carta a los Corintios al Fedón*”.

¹⁴⁸ CULLMANN, 1970, p. 21.

¹⁴⁹ PLATÃO. *Fédon. A imortalidade da alma*. São Paulo: Edipro, 2012, p. 33.

das 780 vezes no Antigo Testamento, a intenção de usar o termo e contrastá-lo com o corpo, pois, na verdade, essas combinações são de origem grega e latina¹⁵⁰.

Ou seja, em outras palavras, o termo não é aplicado dessa forma no hebraico, pois a alma não é algo que se pode separar do corpo. Quando o fôlego de vida acaba, encerra-se a vida, então entra-se num estado de sono sem consciência.

Voltando-nos para as concepções de Cullmann, o posicionamento de Sócrates perante a morte, retratado por Platão, é de profunda serenidade e paz, pois, a liberdade que este está prestes a desfrutar, por suas concepções acerca da imortalidade de sua alma, oferecem a Sócrates o sentimento profundo de paz.

Contudo, segundo Cullmann, o retrato que temos de Jesus no Getsêmani não traduz as concepções de Sócrates no Fédon. Em Mc 14. 33, Jesus afirma que sua alma está angustiada até a morte, ou seja, Jesus vê a morte não como amiga, mas como uma grande inimiga, o último inimigo a ser vencido (1 Co 15. 54, 55)¹⁵¹. Em nada podemos igualar os dois episódios. O que na verdade vemos no paralelo entre as duas mortes, a de Jesus e Sócrates, é um grande contraste¹⁵².

As intenções de Cullmann ao colocar a morte de Sócrates lado a lado com a morte de Jesus ilustra a sua maneira de compreender a imortalidade da alma a partir da compreensão paulina neotestamentária. “Pois nada mostra de maneira melhor a diferença radical entre a doutrina grega da imortalidade da alma e a doutrina cristã da ressurreição¹⁵³”. Para Cullmann, Cristo é considerado pelos primeiros cristãos como Redentor, o Mediador da salvação, o único que triunfa sobre a morte por meio da sua própria morte¹⁵⁴.

O que fica claro para Cullmann, é que Jesus, na sua morte, não poderia vencer a morte se continuasse vivendo com sua alma, uma alma supostamente

¹⁵⁰ VINE, E. W.; UNGER, Merrill F.; WHITE JR, William. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 33

¹⁵¹ CULLMANN, 2004, p. 188.

¹⁵² CULLMANN, 1970, p. 25.

¹⁵³ CULLMANN, 1970, p. 29. “*Porque nada muestra mejor la radical diferencia entre la doctrina griega de la inmortalidad y la fe cristiana en la resurrección*”.

¹⁵⁴ CULLMANN, 2004, p. 189.

imortal. Como Cullmann sugere, “Quando se deseja vencer alguém, deve-se entrar em seu território¹⁵⁵”. Qualquer um que queira vencer a morte precisa deixar de viver, não continuar vivendo na alma imortal e sim morrer de corpo e morrer de alma.

Oscar Cullmann sugere que a continuidade da vida após a morte seja resolvida da seguinte forma, o ser humano inteiro, realmente morto, é chamado a vida por um novo ato criativo de Deus. Esse ato novo não chama à vida apenas uma parte desse ser humano, mas o homem em sua plenitude. Assim, se quisermos compreender a fé cristã da ressurreição, precisamos rejeitar totalmente as concepções platônicas sobre a imortalidade da alma, que vê o corpo como a parcela má na humanidade. Todavia, dentro da concepção cristã, a morte também se constitui como a destruição da vida criada por Deus. Portanto, somente aquele que discerne a morte dentro desse entendimento pode se aproximar da concepção do Novo Testamento em geral, mais especificamente, naquilo que o apóstolo Paulo deixa em sua carta aos cristãos de Corinto¹⁵⁶.

Para Oscar Cullmann, as questões acerca do contraste entre a imortalidade grega da alma e a fé genuinamente cristã na ressurreição do corpo não encerram por aqui. É importante definir que a morte não é algo natural, como pensam os gregos, e sim anormal, contrário aos propósitos de Deus. De acordo com relatos bíblicos (Gn 3. 1-7), a morte entrou na humanidade como consequência do pecado, ou seja, a morte também é uma maldição, maldição que envolve toda a humanidade. Segundo Cullmann, a morte só pode ser conquistada na medida em que o pecado também seja removido¹⁵⁷, pois, como afirma o apóstolo Paulo, o salário do pecado é a morte (Rm 6. 23).

Portanto, a morte é inimigo de Deus, pois Deus é a própria vida. De acordo com a concepção cristã, as doenças são resultado do pecado na humanidade, enquanto que a doença segundo o entendimento grego é a demonstração do quanto o corpo é mau e está destinado à destruição.

¹⁵⁵ CULLMAN, 1970, p. 29. “*Cuando se quiere vencer a uno hay que pasar a su terreno*”.

¹⁵⁶ CULLMANN, 1970, p. 30.

¹⁵⁷ CULLMANN, 2004, p. 191.

Por fim, Oscar Cullmann discute acerca daqueles que, de acordo com o apóstolo Paulo estão dormindo (1 Ts 4. 13), orientando de nos resguardarmos de qualquer tipo de acomodação a concepções filosóficas, pois há quem considere que a transformação do corpo, no Novo Testamento, se dá imediatamente após a morte individual. Contudo, este entendimento se contrapõe com o versículo anterior. Na verdade, Paulo, de acordo com Cullmann, está preocupado em mostrar que aqueles que estiverem vivos, no momento do retorno do Senhor, não levarão vantagem em relação aos que dormem.

Pois assim como a morte perdeu seu aguilhão, como último inimigo a ser vencido, já não tem qualquer significado final. Se a morte de Cristo marca o momento decisivo entre as eras, esse efeito marca tanto mortos quanto vivos. Isso prova que as imagens neotestamentárias que descrevem as condições dos mortos em Cristo, provam que mesmo agora, nesta condição intermediária, a ressurreição de Cristo já é efetiva, ou seja, eles já estão com Cristo¹⁵⁸.

Portanto, para Oscar Cullmann a resposta sobre a questão das concepções acerca da imortalidade da alma e da ressurreição do corpo é inequívoca, ou seja, não existe nenhuma possibilidade de harmonizar os ensinamentos socrático e platônico com o ensino do Novo Testamento em geral, mais especificamente com o pensamento paulino¹⁵⁹.

¹⁵⁸ CULLMANN, 1970, p. 69.

¹⁵⁹ CULLMANN, 1970, p. 73.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve a pretensão de esclarecer pontos controversos sobre a vida, obra e teologia paulina. No encontro de culturas que fizeram parte de sua realidade, entre o choque de conhecimentos que obteve, entre os mundos que estavam relacionados a ele como um grande cidadão do mundo, destacamos a possível influência helenística na vida deste grande apóstolo.

Para muitos é fácil admitir que Paulo foi influenciado pelas culturas em que estava inserido. No entanto, não podemos esquecer que não apenas a cultura judaica, mas, também a helenística, vai formar a sua personalidade e construir boa parte de suas discussões, isso pode ser percebido no seu acervo epistolar, bem como nos demais testemunhos bíblicos que se referem aos apóstolos.

Partindo dos pressupostos bíblicos que avaliam sua condição de pertença, partimos de um apanhado histórico que apresentou a sua ligação com a filosofia de sua época, a filosofia helenística do primeiro século. Este processo se deu a partir do seu nascimento em uma grande metrópole do primeiro século, a cidade de Tarso, na Cilícia, que foi a primeira e maior influência em sua vida, como atestamos neste trabalho.

É importante considerar esse enraizamento histórico vivido pelo apóstolo Paulo para compreender, inclusive seus posicionamentos doutrinários e a forma como ele expõe suas ideias, que envolveram sua vida como um judeu, rigoroso fariseu, mas, também, seu encontro com a cultura greco-romana, como foi destacado em nosso primeiro e segundo capítulo.

Por fim, concretizamos o tema a partir de um tema polêmico e controverso, qual seja, a concepção grega da imortalidade da alma e a compreensão paulina sobre a ressurreição do corpo. Nosso guia nessa parte foi o teólogo Oscar Cullmann.

Esse foi nosso terceiro e último capítulo, que se propôs a discutir a influência platônica nas discussões e entendimento cristão sobre a imortalidade da alma, que

segundo nosso parecer, baseados nas discussões propostas por Oscar Cullamnn, não possuem base bíblica, e sim, como já dissemos, platônica.

A intenção de encerrar esta pesquisa com essa discussão foi de debater a interpretação acerca de uma doutrina que hoje, é muito mal interpretada, porque é feita muitas vezes a partir de padrões filosóficos e não neotestamentários. O exemplo mostra que o apóstolo Paulo, mesmo influenciado pela cultura helenística, não pensa a partir da concepção grega sobre a imortalidade da alma, mas baseia sua doutrina naquilo que ele teria recebido da tradição judaico-cristã, ou seja, a ressurreição do corpo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

A BÍBLIA, King James Atualizada (KJA). São Paulo: Abba Pess, 2012.

ARENS, Eduardo. *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João: aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1997. Tradução: João Rezende Costa. (Biblioteca de estudos bíblicos).

BALL, Charles Fegurson. *A vida e os tempos do apóstolo Paulo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998.

BARBAGLIO, Giuseppe. *São Paulo, o homem do evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1993. Tradução: Ephraim Ferreira Alves.

BECKER, Jürgen. *Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia*. São Paulo: Academia Cristã, 2007. Tradução: Irineu J. Rabuske.

BORNKAMM, Günther. *Paulo, vida e obra*. São Paulo: Academia Cristã, 2008.

BRUCE, F. F. *Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia*. São Paulo: Shedd Publicações, 2003. Tradução: Hans Udo Fuchs.

CERFAUX, Lucien. *O cristão na teologia de Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1976. Tradução: Pe. José Raimundo Vidigal.

CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 11 ed. São Paulo: Hagnos, 2013, Vol. 1, A-C.

CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 11 ed. São Paulo: Hagnos, 2013, Vol. 2, D-G.

CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 11 ed. São Paulo: Hagnos, 2013, Vol. 3, H-L.

CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 11 ed. São Paulo: Hagnos, 2013, Vol. 4, M-O.

CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 11 ed. São Paulo: Hagnos, 2013. Vol 5, P-R.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 2001. Vol 1.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 2001. Vol 4.

COTHENET, E. *San Pablo em su tiempo*. 4 ed. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1985. nº 26.

CULLMANN, Oscar. *Das origins do evangelho à formação da teologia cristã*. São Paulo: Fonte Editorial, 2004. Tradução: Daniel Costa.

CULLMANN, Oscar. *La inmortalidad del alma o la resurreccion de los cuerpos: el testimonio del Nuevo Testamento*. Madrid: Studium, 1970.

DUNN, James D. G. *A nova perspectiva sobre Paulo*. São Paulo: Paulus, 2011. Tradução: Monika Ottermann

DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003. Tradução: Edwino Royer. (Biblioteca de estudos bíblicos).

FABRIS, Rinaldo. *Para ler Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996.

FABRIS, Rinaldo. *Paulo: apóstolo dos gentios*. São Paulo: Paulinas, 2001. Tradução: Euclides Martins Balancin. (Coleção luz do mundo).

FERREIRA, Joel Antonio; SILVA, Valmor da. *Paulo missionário*. Belo Horizonte: O Lutador, 2009. (Coleção Boa Nova, N° 2).

FITZMYER, Joseph A. *Teología de San Pablo: síntesis y perspectivas*. 2 ed. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2008.

GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento: grego-português*. São Paulo: Vida Nova, 2007. Tradução: Júlio P. T. Zabatiero.

GOPPELT, Leonhard. *Teología do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1976.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (org's). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2008. Tradução: Barbara Theoto Lambert.

HEYER, C. J. den. *Paulo, um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus, 2009. Tradução: Luiz Alexandre Solano Rossi. (Coleção Bíblia e sociologia).

HOLZNER, Josef. *San Pablo: Heraldo de Cristo*. Barcelona: Herder Editorial, 1974. Versión: José Montserrat.

JAEGER, Werner. *La teologia de los primeros filosofos griegos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1952. Traducción: José Gaos.

KÜMMEL, Werner Georg. *Síntese Teológica do Novo Testamento. de acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo, João*. São Paulo: Editora Teológica, 2003. Tradução: Sílvio Scheider e Werner Fuchs.

KUSS, Otto. *San Pablo: la aportación del apóstol a la teologia de la iglesia primitiva*. Barcelona: Editorial Herder, 1975.

MACDONALD, William. *Comentário bíblico popular, versículo por versículo do Novo Testamento*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

MAZZAROLLO, Isidoro. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*. 2 ed. Rio de Janeiro: Mazzarollo Editor, 2011.

MEEKS, Wayne A. *Los primeros cristianos urbanos: el mundo social del apóstol Pablo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1987. Tradujo: Manuel Olasagasti.

MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte: os teólogos protestantes e ortodoxos*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1980, (Teologia hoje, Vol. 16). Tradução: José Fernandes.

PLATÃO. *As leis: Incluindo Epinomis*. São Paulo: Edipro, 2010.

PLATÃO. *Fédon. A imortalidade da alma*. São Paulo: Edipro, 2012.

QUESNEL, Michel. *Paulo e as origens do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2004. Tradução: Paulo Ferreira Valério. (coleção Bíblia e história).

RADMACHER, Earl D.; ALLEN Ronald B.; HOUSE, Wayne H. *O novo comentário bíblico do Novo Testamento com recursos adicionais*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010.

RAMOS, José Augusto; PIMENTEL, Maria Cristina de Sousa; FIALHO, Maria do Céu; RODRIGUES, Nuno Simões (coord's). *Paulo de Tarso, Grego e Romano, Judeu e Cristão*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. 2012.

REGA, Lourenço Stelio (org). *Paulo e sua teologia*. 2 ed. São Paulo: Vida, 2009.

RIDDERBOS, Herman. *A teologia do apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo dos gentios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. Tradução Suzana Klassen.

ROBINSON, James M. (ed.). *The Nag Hammadi library: the definitive translation of the gnostic scriptures complete in one volume*. New York: Harper Collins Publishers, 1990.

SCHNELLE, Udo. *A evolução do pensamento paulino*. São Paulo: Loyola, 1999. Vol. 27.

SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010. Tradução: Monika Ottermann.

SCHWEITZER, Albert. *O misticismo de Paulo, o Apóstolo*. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2003. Tradução: Paulo e Judith Arantes.

SIDNEY, Sir Philip; SHELLEY, Percy Bysshe. *Defesas da poesia*. São Paulo: Iluminuras, 2002. Tradução: Enid Abreu Dobránszky.

STRECK, Gisela I. W.; LAUX, Núbia M. (org's). *Manual de normas para trabalhos científicos: baseado nas normas da ABNT*. 2 ed. rev e atual. São Leopoldo: EST/ISM, 2009.

TENNEY, Merrill C. (org). *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. Vol. 1, A-C. Tradução: Equipe de colaboradores da Cultura Cristã.

TENNEY, Merrill C. (org). *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. Vol. 2, D-G. Tradução: Equipe de colaboradores da Cultura Cristã.

TENNEY, Merrill C. (org). *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. Vol. 5, Q-Z. Tradução: Equipe de colaboradores da Cultura Cristã.

VINE, E. W.; UNGER, Merrill F.; WHITE JR, William. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. Tradução: Luís Aron de Macedo.

WRIGHT, Nicholas Thomas. *Paulo, novas perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2009. Tradução: Joshuah de Bragança Soares.

ZUCK, Roy B. *A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1994. Tradução: César de F. A. Bueno Vieira.